

Anderson Nazareno Matos

UM SUPEREU QUE NÃO SE DILUI

**Uma investigação sobre as relações do supereu com
as toxicomanias**

Belo Horizonte

2007

Anderson Nazareno Matos

UM SUPEREU QUE NÃO SE DILUI

Uma investigação sobre as relações do supereu com as
toxicomanias

*Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do
Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.*

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos.

Orientação: Prof. Dr. Luís Flávio Silva Couto.

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Belo Horizonte – Minas Gerais

2007

Dissertação intitulada “UM SUPEREU QUE NÃO SE DILUI: Uma Investigação sobre as relações do supereu com as toxicomanias, de Anderson Nazareno Matos, defendida em 14 de Setembro de 2007, na Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG), diante da banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Luis Flávio Silva Couto (FAFICH / UFMG) – Orientador

Prof. Dr. Oswaldo França Neto (FAFICH / UFMG)

Prof. Dra. Ilka Franco Ferrari (PUC Minas)

Para Maria Cecília e Lucca que suportaram bem de perto as distâncias que obrigam uma aposta no desejo.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Luís Flávio pela proximidade constante, a acolhida gentil, a disponibilidade atenciosa. Por ter seguido comigo nesse momento tão importante, deixo-lhe meu muito obrigado, com a impressão de que esta palavra fica aquém do sentido que comporta meu sentimento.

Ao Prof. Oswaldo França Neto que foi igualmente acolhedor nesta trajetória e me honra em oferecer sua atenção ao fim deste percurso.

Ao Prof. Antônio Teixeira pelas valiosas contribuições ao trabalho durante o exame de qualificação.

Aos meus colegas do mestrado, especialmente Adriana Renna-de-Vita, Anamaria Batista Nogueira, Juliana Bressaneli e Sueli Burgarelli. Sem vocês, o percurso teria sido muito diferente. Muito obrigado.

Aos meus amigos, a Prof^a. Márcia Mansur Sadaallah e o tenente Roberval das Neves Chaves, companheiros de longa data, que sabem tão bem o que é a rosa e o que é o espinho.

À querida amiga, Prof^a. Ana Lúcia Andrade, pela atenção com o texto. E também a Platão Machado e Roger Alcântara, pela tradução do inglês.

Aos meus pais, eles estavam na origem.

RESUMO

Resumo: Esta dissertação de mestrado buscou a partir dos pressupostos da Psicanálise fazer algumas observações sobre o alcoolismo e as toxicomanias. Para tanto, recorreu-se à obra de Freud para localizar quais as considerações feitas pelo psicanalista sobre os produtos inebriantes. Em seguida, no contexto da psicanálise de orientação lacaniana, foi feita uma apreciação da toxicomania conforme se observa na contemporaneidade. Por fim, esta dissertação foi conduzida a uma pergunta sobre a natureza das relações entre o supereu e as toxicomanias. A máxima proferida por Ernest Simmel – “O supereu alcoólico é solúvel em álcool” – foi cotejada com as elaborações de Jacques Lacan acerca do supereu. Para Lacan, o supereu pode funcionar como imperativo de gozo. De que modo pode-se pensar a tese de Simmel depois das contribuições de Lacan sobre o supereu?

Abstract: Abstract: This dissertation of mastering has as a target from psychoanalysis assumptions to make some observations about alcoholism and drug addiction. Freud's studies were researched to know about his considerations in the inebriant products. Following, it was made an appreciation about alcoholism and drug addiction according to Lacan's psychoanalysis orientation and its influences on these days. In the end, this dissertation was taken to a question about the nature of the relationship between the superego and drug addiction. Ernest Simmel's maxim - "the alcoholic superego is soluble in alcohol" - was taken into consideration together with Jacques Lacan's elaborations about the superego. At Lacan's point of view, the superego may work as an imperative of joint. What must we think of Simmel's thesis after the contributions of Lacan about the superego?

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
------------------------	-----------

CAPÍTULO 1 – A PSICANÁLISE, DROGAS E ÁLCOOL

1.1 A droga e o álcool no texto freudiano.....	09
1.2 Über coca.....	10
1.3 A masturbação como vício.....	21
1.4 Os chistes e o álcool como fator de supressão da repressão.....	22
1.5 Sobre o casamento feliz.....	23
1.6 Mania e embriaguez, analogias possíveis.....	26
1.7 O mal estar e o tratamento pela droga.....	27

CAPÍTULO 2 – PSICANÁLISE E TOXICOMANIA NA CONTEMPORANEIDADE

2.1 A toxicomania entre os ‘novos sintomas’ – um produto da ciência.....	33
2.2 A crise do pai e o capitalista que manda gozar.....	39
2.3 Droga, entre a ilegalidade a economia e um utilitarismo às avessas.....	42
2.4 A regulação social do gozo e o toxicômano como sujeito que não quer saber.....	46
2.5 Édipo e a submissão fálica, a droga e a ruptura do casamento com o faz-pipi.....	48

CAPÍTULO 3 – AS RELAÇÕES DO SUPEREU

3.1 O supereu solúvel em álcool de Ernest Simmel.....	55
3.2 O que pode ser um supereu solúvel?.....	59
3.3 Algumas pistas sobre o supereu.....	61
3.4 O supereu como herdeiro do isso.....	71
3.5 Um supereu mais precoce.....	75
3.6 O supereu vocífera, caroço da palavra.....	77
3.7 O supereu não dilui.....	81

CONCLUSÃO.....	86
-----------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA.....	90
--------------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	94
---------------------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Pensamos que o nosso tema merece uma investigação uma vez que é sabido que o álcool e a droga há muito tempo são considerados um grande problema sob diversos aspectos. Na atualidade o uso de produtos tóxicos tem efeitos que se desdobram de várias formas na tessitura social. As conseqüências do alcoolismo e da toxicomania reverberam na forma de altas cifras no sistema de saúde, na previdência social, no sistema carcerário, judiciário, etc.

Do ponto de vista da saúde mental, na clínica propriamente dita, podemos perceber que os pacientes usuários de álcool e drogas têm suas especificidades. Nos tempos em que a internação psiquiátrica era a única conduta possível aos “desviantes de toda espécie” ficavam nítidas algumas diferenças entre os pacientes psicóticos e os alcoolistas e toxicômanos internados. Os pacientes usuários de alguma substância estupefaciente pareciam “estranhos no ninho” dentro do hospital psiquiátrico, pois logo que o quadro da intoxicação ou da abstinência tivesse remitido, a maior parte deles apresentava-se rapidamente “restabelecido”. Envoltos em toda sua lucidez muitas vezes serviam de intermediários entre a enfermagem e os outros pacientes na ala psiquiátrica. Esse restabelecimento mais rápido fazia com que eles contrastassem nitidamente dos pacientes psicóticos que habitualmente exigiam um tempo maior de internação. Apesar de sua passagem poder ser mais breve, alcoolistas e toxicômanos eram regularmente vistos nos hospital, em virtude de suas recaídas constantes. Por muito tempo foram pensados como sujeitos que pareciam padecer da vontade seu sintoma era visto como uma incompetência na volição e sua patologia parecia ser uma espécie de frouxidão moral.

O panorama dessa convivência heterodoxa ganha outros contornos com a reforma psiquiátrica brasileira. A lei 10.216, de 06 de abril de 2001 leva adiante a desconstrução do manicômio e para isto cria serviços substitutivos. Entre estes serviços substitutivos estão previstos os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Em um rasgo de lucidez o gestor público estabeleceu também, a partir da portaria GM nº 336, de 19 de fevereiro de 2002, a criação dos Centros de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas (CAPS – ad) que se

prestam a atender prioritariamente aos pacientes portadores de transtornos decorrentes do uso de substâncias tóxicas. Estes CAPS– ad permitem tratar de forma mais específica as questões relativas a essa clientela que, como sinalizamos, difere do portador de sofrimento mental clássico.

Tanto os produtos estupefacientes quanto os problemas decorrentes de seu uso são conhecidos pela humanidade de longa data. Uma breve localização nos auxilia nesse ponto.

O álcool como substância lícita participa dos hábitos e costumes da humanidade desde tempos longínquos. Incorporado até mesmo na eucaristia cristã, o vinho representa o sangue do Cristo e celebra a comunhão dos homens em sua fé. Na mesma Bíblia em que se encontra a narrativa da Santa Ceia, existe também a advertência quanto à possibilidade do excesso no uso da bebida alcoólica. Noé e Ló são exemplos que se mostram ilustrativos nesse sentido. A embriaguez de Noé foi retratada por Michelangelo em 1509 e encontra-se na Capela Sistina em Roma sendo o último dos afrescos da série Genesis. O quadro representa a ocasião na qual Noé se embriaga e em consequência disso desvanece nu em sua tenda sendo assim encontrado por seus filhos. O episódio de Ló é igualmente ilustrativo. O ponto que interessa refere-se à situação em que suas duas filhas, desejosas de engravidar-se, embebedaram o velho pai para realizarem seu intento. Apenas Ló e suas filhas conseguiram sair vivos de Sodoma e Gomorra e desde então encontravam-se isolados. Sem que houvesse a presença de outros homens, as filhas deram vinho à Ló, para assim poder levar adiante a descendência do pai. Por estar embriagado, Ló deitou-se com elas, sem que ele notasse, nem quando elas deitaram, nem quando se levantaram. (Gênesis 19:33, 19:35)

Se retrocedermos ainda mais na história encontraremos tanto a presença do álcool quanto os relatos da embriaguez em toda sorte de culturas. Baco para os romanos, e Dioniso para os gregos, são divindades pagãs que eram homenageadas em celebrações e festins regados a álcool. Esses eventos seriam simplesmente impensáveis sem o uso do apreciado produto.

Na contemporaneidade encontramos uma passagem elucidativa que revela, por seu fracasso e seus desdobramentos subsequentes, toda a delicadeza da questão do uso do álcool pelos homens. O puritanismo estadunidense tentou, em um momento de sua história, erradicar o uso de álcool do solo americano.

A história da chamada Lei Seca nos permite apreender um episódio ilustrativo sobre o quão intrincada é a relação dos homens com o álcool. A partir de uma emenda à Constituição no ano de 1920, foi proibido no território norte-americano a venda e o consumo de etílicos. A embriaguez recebe uma conotação extremamente negativa em virtude da influência das ligas de temperança que começaram a proliferar no século XIX. Estes grupos se fizeram representar politicamente e tentaram impingir seus valores e ideais em uma América que se encontrava repleta de imigrantes com hábitos e costumes tão estranhos. Sob esta influência puritana o uso do álcool passa a ser visto como uma espécie de desvio. No excesso etílico ronda uma falha moral que devia ser combatida. Na libação desaparecem as virtudes e o comportamento facilmente se inclina para a inadequação, pois o homem embriagado zela pouco pela retidão da conduta e observância dos bons costumes. Para se ter uma noção do aspecto diabólico que o álcool adquirira, pode-se observar as palavras de Billy Sunday, pregador religioso da época:

O reinado das lágrimas terminou. Em breve, favelas e cortiços serão apenas lembranças do passado. Transformaremos nossas prisões em fábricas e nossas cadeias em armazéns. A partir de hoje, os homens andarão com a cabeça erguida, as mulheres sorrirão e as crianças mostrarão sua alegria. O inferno permanecerá para sempre vago e para alugar.¹

A lei vigorou 13 anos e foi revogada em 1933, não sem uma série de conseqüências e vários desdobramentos sociais. Talvez se possa dizer que a lei fracassou sobretudo, devido à constatação necessária que suas pretensões revelaram-se inócuas. O fato é que o uso e o comércio do álcool de modo algum foram erradicados, e ainda ampliou-se a oferta de outras drogas para sua eventual substituição diante de racionamentos. Como o produto se tornará ilícito foi criada uma rede clandestina de fornecimento que de certa forma, serviu como o embrião do crime organizado na América. É a lei seca que faz surgir uma personagem como Al Capone, o gangster ítalo-americano, na crônica policial estadunidense. Havia ainda outros detalhes: era uma lei extremamente antipopular, também não é nada desprezível o fato de que a proibição do uso de álcool na América fechava um excelente gargalo de onde se recolher impostos.

¹ WWW.unifesp.br/dpsicobio/boletim/ed55/2.htm em 15/12/06 18:45h

Na contemporaneidade, antes do alcoolismo ser concebido como um problema relativo à saúde, foi pensado sobretudo em um escopo judicativo, como desvio normativo, fragilidade moral.

A questão da droga encontra ainda um destino mais funesto. A droga também se insere no convívio humano desde tempos remotos. Uma variedade importante de produtos que hoje são denominados drogas ilícitas habitou farmacopéias milenares. Destacamos que o enquadramento de um grande número de drogas na ilicitude relaciona-se estreitamente com a extinção da Lei Seca nos Estados Unidos. Não havendo mais a ancoragem legal que cerceava o uso do álcool, a proibição acabou se expandindo a outras substâncias que eram habitualmente utilizados por imigrantes que se encontravam na América do Norte no começo do século XX. Deve-se notar que a ilegalidade de vários produtos encontra respaldo em uma espécie de controle social que relacionava o uso de determinadas substâncias a algumas comunidades étnicas específicas.

A droga tornou-se um produto que se goza de um algum prestígio entre seus usuários, encontra no poder público uma repugnante aversão. Seu porte, consumo e comércio são tratados como um crime que deve conduzir o infrator à autoridade policial. A punição pode variar de encaminhamento a tratamento compulsório, e em casos de recidivas, até medidas restritivas de liberdade. Para termos uma dimensão mais clara do problema, é corrente hoje a utilização da expressão; “Guerra às drogas”, que sem nenhuma redundância, faz com que um aparato bélico seja utilizado com vistas a erradicar o uso da droga.

O que em princípio parece ter sido um caso de foro íntimo, ganha proporção de questão de estado. A questão da droga mais especificamente que a do álcool, transita em um espaço delicadíssimo, que vai da liberdade individual à intervenção do poder público na vida privada, sob alegação de segurança pública. O uso da droga sai do âmbito pessoal como direito e circula na esfera social como delito. Esse é um debate contundente com infundáveis impasses.

Mas hoje felizmente, para estes casos de abuso de substâncias, começamos a engatinhar nas políticas públicas e na aplicação de medidas práticas. É um problema que interessa e não se pode recuar diante dele. É uma questão que parece encontrar melhor enquadramento no âmbito da saúde do que no âmbito jurídico.

É em meio a esse panorama, inserida no contexto da reforma psiquiátrica e integralmente na saúde mental, que a Psicanálise pode contribuir com seus subsídios para iluminar este terreno ainda obscuro. E a Psicanálise é solicitada de forma recorrente, tanto para o tratamento quanto com suas formulações teóricas para o manejo dessas questões. Não é apenas diante da psicose que a Psicanálise não deve recuar. Dessa forma fazer uma dissertação sobre o assunto “álcool e drogas” em Psicanálise é pertinente, visto que parece uma boa oportunidade para uma inspeção de algumas articulações teóricas sobre o assunto. Buscamos desse modo fazer uma leitura apoiada nas articulações que foram feitas por Freud e Lacan, que permitisse apreciar mais de perto a intrincada questão da relação entre o sujeito e a droga.

A linha que orientou o primeiro capítulo desta dissertação foi uma trajetória que buscou no texto de Freud quais foram as suas observações mais importantes sobre o álcool e a droga. Ressaltamos que o assunto nunca tomou grande foco na obra freudiana, o que não impediu o psicanalista contudo, de comentá-lo. Pode-se dizer que é um tema encontrado de maneira periférica em sua obra. Mesmo assim, as observações pontuais feitas por Freud adquiriram grande importância para seus seguidores, bem como serviram de base para avanços ulteriores.

Em nossa leitura buscamos verificar qual era o contexto de sua articulação enquanto ele considerava sobre o assunto. Qual era a visada que ele nos oferecia? A clínica mostrava algo sobre a economia psíquica em curso nos fenômenos tóxicos? Ou ainda podia-se observar algum vínculo libidinal específico no uso de inebriantes?

Para iniciar este percurso buscamos nos inteirar sobre os trabalhos de Freud sobre a cocaína. Pareceu-nos importante verificar qual o teor da curiosidade freudiana sobre o assunto uma vez que essa passagem é habitualmente tratada de maneira lacônica. Estes trabalhos são da fase pré-psicanalítica e não são muito conhecidos, mas não apenas por isto guardam menos interesse. Recolhemos alguns fragmentos destes trabalhos que vão de 1885 a 1887 para inspecionar um pouco melhor o interesse de Freud pela questão da cocaína. Os outros textos que apreciamos encontram-se inseridos no contexto da Psicanálise e da metapsicologia freudiana propriamente dita. Façamos um breve apanhado desta trajetória, nos momentos em que Freud cita a presença do álcool e da droga, e em que contexto faz o comentário.

Em “*A sexualidade na etiologia das neuroses*” (1898/1987), Freud advertiu que os narcóticos poderiam servir de substitutos da falta de satisfação sexual. A masturbação era comparada a um vício, da mesma maneira que se encontra o “hábito” à droga.

“*Os chistes e sua relação com o inconsciente*” (1905/1977), faz referências ao uso do álcool e a embriaguez etílica é apresentada como um recurso que reduz as forças inibidoras. Tal formulação leva Freud a fazer uma aproximação dos efeitos colhidos num chiste com a embriaguez, exatamente sob o aspecto da supressão do senso crítico que o dito chistoso e a exaltação etílica comportam.

Na série intitulada “*Contribuições à psicologia do amor*” (1912/1970), surge o aforismo que se tornaria clássico para se pensar o alcoolismo para a Psicanálise, que enuncia o modelo do casamento feliz do bebedor com o copo. Essa elaboração pontual serviu de caminho para outras contribuições em relação à questão do uso de produtos tóxicos, como por exemplo, os aspectos relativos à satisfação libidinal e ao gozo, que estão presentes de forma tão paradoxal nas toxicomanias.

Em “*Luto e melancolia*” (1917/1974), Freud aproxima a embriaguez alcoólica do estado de mania, sendo que a forma de exaltação encontrada nos dois estados fornece ao psicanalista a possibilidade de fazer uma analogia entre os quadros psíquicos.

Em “*O mal estar na civilização*” (1930/1974), o uso de substâncias inebriantes figura como uma via de tratamento que o sujeito utilizaria para balizar os efeitos das pesadas pressões que sofre mediante o processo da civilização. A droga permitiria satisfações substitutivas, alterando a sensibilidade, amortecendo os dissabores provenientes das relações sociais. Freud identificava os efeitos deletérios que poderiam ser colhidos por essa espécie de técnica que tem efeitos no corpo. Um sujeito em seu enlace com a droga pode prescindir do Outro e se manter num circuito em que o gozo opera de forma autística.

Destaquemos que privilegiamos um “eixo” na leitura do texto freudiano, que é a droga como uma espécie de tratamento ao mal estar e também a idéia de um enlace com o produto. A idéia do casamento feliz nos conduziu no capítulo seguinte a encontrar as formulações lacanianas sobre a questão da droga.

No segundo capítulo fizemos considerações acerca da toxicomania e do alcoolismo conforme são pensados pela Psicanálise de orientação laciana. Encontramos elaborações

que conduzem a toxicomania à categoria de “novos sintomas”, como uma das representações típicas das patologias contemporâneas. Como diz Tarrab: “*desta época de rechaço do saber, de decadência das referências ligadas ao ideal, de vacilação dos semblantes na cultura*”.² Encontramos assim, o declínio do Pai e o retorno de um empuxo ao gozo como característico de nossa época, e nesse contexto a droga configura-se um produto que encarna perfeitamente o excesso.

Buscamos também localizar que efeitos retornariam de sua proibição, sendo um produto proibido, que tipo de conseqüências ocorre a partir desta interdição? A sua proibição não teria efeitos adversos demais? A droga como maçã do paraíso artificial, ao ser proibida não se tornaria ainda mais atrativa?

Nesse capítulo buscamos ainda localizar a leitura que ocorre no imaginário social sobre a relação do toxicômano com a droga. A forma como o toxicômano goza sua sintomática às formas de gozo socialmente sancionadas. Assim o toxicômano é reconhecido, sobretudo por sua relação ao gozo e se revela extremamente refratário ao ordenamento social. Nesta linha encontramos desdobramentos do pensamento lacaniano da chamada “ruptura ao gozo fálico”, como o que caracterizaria a toxicomania.

Fizemos uma investigação acerca do Édipo, na expectativa de localizar o que representaria a submissão ao significante fálico como um dos desfechos possíveis do complexo para, a partir daí, encontrar a máxima lacaniana acerca do rompimento com o faz-pipi como uma definição para a toxicomania. Podemos dizer que esse achado também funcionou como um eixo para esta dissertação. As articulações entre o Édipo e a submissão ao significante fálico nos conduziram a fazer considerações sobre o supereu, de acordo com a hipótese de um dos seguidores de Freud, que considera sobre a relação entre o supereu e o álcool.

No terceiro capítulo, apreciamos uma afirmação feita por Ernest Simmel, um dos psicanalistas da primeira geração de freudianos. Ele cogitou que “*O supereu alcoólico é solúvel em álcool*”. A investigação dessa hipótese nos conduziu ao conceito de supereu. Fizemos uma leitura mais atenta, e dessa maneira, encontramos aspectos conceituais do supereu que evidenciam a idéia freudiana do supereu herdeiro do Édipo, o supereu fruto da lei da proibição do incesto, esse supereu é o vestígio de uma lei externa que foi

² TARRAB, M. *Produzir novos sintomas*. In: www.nucleosphora.com/asephallus/numero-02

internalizada no sujeito, é propriamente a idéia do supereu que regula. Mas encontramos também observações que denotam o supereu como dado a manifestações paradoxais, que apontam para as importantes relações do supereu com o isso, o supereu pode também ser uma lei desregulada em virtude de suas origens e relações com o isso.

Fizemos uma leitura sobre o supereu solúvel de Simmel e sobre os aspectos paradoxais do supereu. Isso nos conduziu a um certo impasse, pois nos pareceu mais plausível pensar na presença de um supereu inclinado ao gozo que um supereu solúvel nas toxicomanias. A hipótese se Simmel parece ser apenas parcialmente aplicável ao conceito de supereu. Ficamos com a impressão de que o supereu do toxicômano e do alcoolista não seda, mostra antes sua careta, face insensata de um gozo que não conhece a lei.



CAPÍTULO 1 – A PSICANÁLISE, DROGAS E ÁLCOOL

1.1. A droga e o álcool no texto freudiano

A droga e o álcool não são o que poderíamos chamar de um problema central nas articulações de Freud. O assunto contudo permeia alguns de seus escritos sendo possível encontrá-lo em passagens distintas. O psicanalista se serve do assunto quando, por exemplo, as alterações químicas causadas pelas substâncias inebriantes dão-lhe suporte aos argumentos, auxiliando nas suas construções teóricas em relação ao funcionamento psíquico ou ainda na explanação do mecanismo de estados patológicos específicos. Pode-se pensar que suas observações sobre a relação do sujeito com os produtos tóxicos permitem-no fazer considerações importantes sobre aspectos relativos à economia libidinal.

De certa forma essas menções acerca dos produtos tóxicos constam nos escritos anteriores à Psicanálise propriamente dita, mas também podem ser colhidas em trabalhos feitos no contexto da construção da metapsicologia freudiana. Mesmo sendo um tema que ocorre apenas de maneira adjacente na obra, as alusões de Freud ao assunto serviram como base para avanços teóricos posteriores, bem como são um norte para aqueles que trabalham com a toxicomania em clínica.

Faremos um levantamento das articulações mais conhecidas elaboradas pelo autor, a título de localização dos tópicos mais relevantes, buscando encontrar qual seria ou mesmo se haveria uma posição de Freud quanto ao assunto.

1.2. Über coca

Existe uma lacuna enigmática nos trabalhos publicados por Freud, pois é praticamente um ‘não-dito’ em sua obra os textos que dedicou à cocaína. Esta omissão é de magnitude tal que não se encontram estes escritos na edição alemã (Gesammelte Werke), na inglesa (Standart Edition), na espanhola (Biblioteca Nueva) nem na portuguesa (Imago). Para Cesarotto tal exclusão se deve às reações que os trabalhos desencadearam na época de sua publicação e que estas omissões na verdade, obedeceriam ao pudor e a censura que o assunto provoca³. Hoje sabemos do potencial nefasto que o uso tóxico da cocaína pode oferecer mas não era este o quadro no final do século XIX. Parece importante buscar o contexto do surgimento da droga e da curiosidade que ela desencadeou no meio médico naquela ocasião para que possamos entender melhor este fragmento da biografia freudiana tratado habitualmente de forma tão lacônica.

Tudo começou quando Albert Niemann (1834-1861) isolou em 1860 um alcalóide da folha da *Erythroxylon coca* e batizou esta substância de ‘cocaína’. No produto observou-se propriedade farmacológica semelhante àquela que obtinham os nativos de regiões andinas da América Latina, que ao mascar a folha da planta *in natura* apresentavam melhor resistência à privação, à fadiga, à fome e ao sono. No Peru as folhas da coca eram consideradas um presente de Manco Capac, assim dizia a lenda:

O divino filho do Sol havia descido dos penhascos do lago Titicaca em tempos primevos, trazendo a luz de seu pai para os infelizes habitantes do país; que lhes trouxera o conhecimento dos deuses, lhes ensinara as artes úteis e lhes dera a folha da coca, essa planta divina que sacia os famintos, dá força aos débeis, e faz com que se esqueçam os infortúnios.⁴

Alguns autores na América do Norte e na Europa estavam começando a fazer experiências com a droga, mas em Viena Freud foi um dos primeiros a se interessar por ela. Como o produto era relativamente novo não se sabia exatamente qual a aplicação

³ CESAROTTO, O. *Um Affair freudiano: Os escritos de Freud sobre a cocaína*. São Paulo: Iluminarias Projetos e Produções Editoriais Ltda, 1989. p. 18

⁴ BYCK, R. (Org.) *Freud e a cocaína*. Notas de Anna Freud. Tradução Cláudia Martinelli e Mauro Gama. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1989. p. 66

farmacológica mais adequada para o mesmo. Curioso, Freud examinou a bibliografia a que teve acesso e encontrou relatos entusiasmados sobre o produto, é neste contexto que parte para suas próprias investigações experimentais. No ano de 1884, Freud empreendeu algumas pesquisas com a cocaína, a expectativa como ele mesmo revela era observar sua ação fisiológica⁵.

Entre os autores que Freud encontrou pode-se destacar o Dr. Theodor Aschenbrandt que na publicação intitulada: “*O efeito fisiológico e a importância do muriato de cocaína sobre o organismo humano*”, fazia o relato de uma experiência ocorrida no outono de 1863, na qual teve a oportunidade de administrar a droga durante manobras militares de um batalhão da artilharia bávara. Aschenbrandt relata que a:

propriedade “milagrosa” descrita por Mantegazza, Moreno y Maiz, pelo Dr. Unanue, por von Tschudi, etc.; que, em doses pequenas, o muriato de cocaína – como se encontrava disponível para mim – capacita muito mais o homem a suportar grande esforço, fome e sede; e que, de fato, a cocaína deve ser considerada um nutriente benéfico para os nervos.⁶

As experiências de Aschenbrandt ocorreram enquanto o médico acompanhava a tropa em exercício e em várias situações ele teve oportunidade de ministrar a droga em seus subalternos. O relato revela as aplicações feitas: - utilizou-se de sua ação revigorante em situações de esgotamento físico, beneficiou-se de seu efeito anestésico para sanar ferimentos e usou-a ainda para debelar diarreias e outros distúrbios gastrointestinais. O médico concluiu em seus estudos que a cocaína poderia ser usada nos casos de exaustão física como estimulante e realçou também uma possível aplicação nas dispepsias.

Outro autor a que Freud teve acesso foi W. H. Bentley, médico e advogado que escreveu o artigo “*Erythroxylon coca nos vícios do ópio e do álcool*” publicado em julho de 1878 na *New Preparations*. O autor justifica seus achados nos seguintes termos:

⁵ JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Vol. 1. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989. p 89

⁶ BYCK, R. (Org.). Op. cit. p. 44.

Em pequenas quantidades, o ópio e o álcool são estimulantes; levados adiante, são hipnóticos; e, de acordo com a quantidade ingerida, podem se transformar em venenos narcóticos e causar até a morte. O hábito de usar se é contraído exatamente como o do outro e, ao ser levado a um grau suficientemente alto, torna-se irresistível. Pelo menos, este é o caso de quase todas as vítimas... Ora, se a vítima do ópio ou do álcool pudesse encontrar um preparado que produzisse o seu estímulo costumeiro sem deixar um sentimento de depressão, ela poderia, com um pequenino exercício da vontade, abandonar o vício e recuperar o seu estado normal.

Na erythroxyton coca encontramos exatamente esse elemento, pois, embora em doses apropriadas ela seja capaz de produzir a sensação mental mais exaltada, de um êxtase muito maior do que qualquer coisa já experimentada com o ópio ou o álcool, seus efeitos se extinguem gradualmente após algumas horas, deixando uma sensação de alegre serenidade, à qual não se seguirá qualquer depressão.⁷

Bentley ficou entusiasmado com os efeitos da droga e acreditava que seu emprego terapêutico seria encontrado no tratamento dos casos de vício pelo álcool e pelo ópio.

Freud valeu-se também de relatos de experiências que vinham sendo feitas com animais e humanos na Áustria, Alemanha, França, Inglaterra e Rússia⁸, nenhum material era ainda conclusivo. O que se encontrava eram descrições relativas às observações dos aspectos fisiológicos nos animais como, por exemplo: em pequenas doses produzem-se efeitos estimulantes, em doses maiores efeitos paralisantes, notava-se ainda aumento de pressão arterial, hipercinesia, taquicardia, nos pequenos animais encontrava-se sem muita dificuldade a dose de envenenamento ou mesmo letal. Nos humanos alguns pesquisadores relataram o aumento da capacidade física para o trabalho e como alteração psíquica a sensação de boa disposição geral, seguida de desenvoltura intelectual e um humor que se inclinava para uma euforia.

É este o pano de fundo em que se dá o chamado ‘episódio da cocaína’ da biografia freudiana. Foi então, a partir do acesso a uma literatura quase panfletária sobre a droga que Freud resolve fazer suas próprias experiências.

⁷ BYCK, R. (Org.) Op. cit. p. 38.

⁸ BYCK, R. (Org.) Op. cit. p. 70.

“*Über Coca*” foi publicado em 1884 no “*Centralblatt für die gesammte Therapie*”, uma compilação foi traduzida para o Inglês com o título *Coca* e publicado no “*The Saint Louis Medical and Surgical Journal*” ainda naquele mesmo ano. Neste primeiro trabalho Freud se ocupa em fazer uma localização histórica da planta na América do Sul, relata o contexto de sua utilização e faz um levantamento bibliográfico sobre as pesquisas que haviam até então sobre assunto. Cita a descoberta da cocaína por Niemann em 1860 e cogita se os relatos admiráveis colhidos sobre os efeitos da planta nos índios dos altiplanos andinos poderiam ser esperados na Europa. A sua posição inicial pautando-se nas referências e nas observações disponíveis é positiva. Ele escreve: *a cocaína é o verdadeiro agente do efeito da coca, que pode ser produzida tão bem na Europa quanto na América do Sul, e que se pode tirar proveito dela em tratamentos dietéticos e terapêuticos.*⁹

No texto discorre também sobre as experiências com animais e homens e destaca algumas utilizações terapêuticas que os autores que pesquisou sugeriam. Faz ainda apontamentos sobre a propriedade anestésica sem necessariamente destacá-la.

Nas observações sobre os efeitos da droga no organismo saudável Freud relata suas experiências pessoais. Faz a descrição sobre a primeira ocasião em que se utilizou da droga, foi em um momento em que se sentia indisposto devido à fadiga e relata detalhes sobre a forma de administração: 0,05 g de *cocainum muriaticum* em uma solução de 1 % de água, por via oral. Ele descreve que rapidamente ocorreu uma súbita excitação e sensação de leveza, junto à euforia real da cocaína fez-se acompanhar uma repetida eructação refrescante.¹⁰ O seu comentário sobre os efeitos psíquicos foram: a alegria e a euforia da droga não diferem da alegria normal das pessoas saudáveis, tem-se a impressão de que aumentaram tanto o auto-controle quanto a disposição para o trabalho, por fim resta a sensação de que se está normal e é difícil acreditar que se esteja sob a influência de qualquer droga.¹¹ Pareceu a Freud que a droga só fazia efeito quando o indivíduo se encontrasse de algum modo debilitado, se estivesse em condições normais, não perceber-se-iam os efeitos do produto. Chamou-lhe particularmente a atenção como a cocaína fazia com que necessidades imperativas como o sono e a fome parecessem supérfluos. Esta

⁹ BYCK R. (Org.) *Freud e a cocaína*. Notas de Anna Freud. Tradução Cláudia Martinelli e Mauro Gama. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1989. p 71

¹⁰ BYCK, R. (Org) Op cit. p 79

¹¹ JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Vol. 1. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989. p 93

impressão deve ter sido um pouco mais profunda, pois Freud prendeu-se principalmente à idéia de que se pudesse aproveitar na cocaína seu efeito estimulante, esta é inclusive a primeira indicação terapêutica que ele faz para a droga neste ensaio.

Em “*Über coca*” Freud alega que já existia um suprimento de drogas para reduzir a excitação dos centros nervosos, mas nenhuma que tivesse a propriedade de aumentar o funcionamento reduzido destes mesmos centros. Poder-se-ia assim pensar na aplicação do alcalóide para diversos tipos de debilidades psíquicas: histeria, hipocondria, inibição melancólica, estupor. Cogitou ainda em outras indicações para a aplicação da cocaína como por exemplo: nos distúrbios digestivos, na caquexia, para o tratamento do vício da morfina e do álcool, para a asma, como afrodisíaco, e por fim, para aplicação local de uso exógeno da droga como anestésico.

Freud alegou mais tarde que concluiu apressadamente este trabalho, e por isto acabou negligenciando a propriedade anestésica tão característica da cocaína, contudo foi exatamente esta, que de fato acabou recebendo alguma relevância farmacológica, tendo rendido grande destaque ao seu descobridor. Entra em cena Karl Koller (1857-1944) que era médico assistente em Oftalmologia no Hospital Geral de Viena e que acabou conhecendo a cocaína quando participou das experimentações que Freud empreendia naquela ocasião (mais especificamente das experiências de rendimento muscular após o uso da droga). Foi então circunstancialmente testando o alcalóide que Koller se deu conta do entorpecimento que acompanhava a boca e a laringe quando se fazia sua utilização por via oral. Este efeito na verdade já era conhecido, mas não se havia percebido até aquele momento nenhuma aplicação farmacológica para o mesmo. Deve-se dizer que Koller já vinha se ocupando há algum tempo com a idéia de encontrar algum anestésico eficiente que viabilizasse procedimentos cirúrgicos nos olhos. E foi exatamente nas experiências com Freud que o médico conseguiu vislumbrar uma aplicação clínica para a cocaína, ele percebeu que podia usá-la como anestésico local nas cirurgias oftalmológicas. Freud não se deteve suficientemente nesta propriedade anestésica que não chamou sua atenção o bastante, ele pensou na droga para uso interno imaginando que poderia haver algo muito além da anestesia na cocaína. Malgrado as impressões de Freud, foi exclusivamente esta propriedade que se revelou útil na droga. Freud publicou “*Über coca*” em julho de 1884, a comunicação da descoberta de Koller foi feita no Congresso de Oftalmologia em Heidelberg em setembro, portanto, apenas alguns meses depois, mas foi a comunicação de

Koller que acabou produzindo realmente ressonâncias importantes no meio médico. No desfecho deste fragmento restou a Freud apenas o mérito de ter trazido o assunto à baila aguçando curiosidade nos círculos médicos. Os louros mesmo foram para o oftalmologista, pois afinal de contas, fora quem apontara uma aplicação efetiva para o fármaco merecendo o título de pai da anestesia local. Quando comentou sobre este episódio em sua autobiografia, Freud diz que quando ocorreram estes fatos, ficou com a sensação de que sua pressa em acabar o artigo o fizera perder uma grande oportunidade de se tornar conhecido.

Para se ter uma noção um pouco mais clara do clima que animava estas experimentações parece importante tomar ciência da campanha publicitária da época que conduzia a uma visão apoteótica da nova droga e seus derivados. Os laboratórios que produziam a cocaína naquele momento, entre eles: Merck, Gehe, Parke Davis & Company, tinham todo o interesse em disponibilizar a droga para a classe médica para que ela fosse testada e largamente utilizada. H. Guttmacher, editor da *Wiener Medizinische Presse*, por exemplo, faz em 1885 um ensaio elogioso sobre a qualidade da droga produzida pela Parke Davis & Co., ele esperava que com esta droga fosse possível mais aplicações para os maravilhosos efeitos terapêuticos da cocaína.¹² Vale a pena observar o folheto promocional da Parke Davis que apresentava informações sobre o produto:

O objetivo desta compilação é apresentar esses fatos para convivência da classe médica, expondo assim o vasto âmbito de aplicação da droga e seus derivados, e apontar alguns dos preparados mais apropriados para sua utilização interna e externa, colocados ao alcance da classe (...) Uma enumeração das enfermidades em que se verificou a utilidade da coca e da cocaína incluiria um grupo de quase todas as moléstias herdadas pela carne. A imprensa médica ferve de relatos sobre a sua eficiência em tão grande variedade de afecções, que o otimista acharia demasiado supor que, afinal, fora descoberto na coca e em seus derivados a panacéia universal dos males humanos.¹³

Freud faz então outra publicação intitulada “*Beitrag zur Kenntniss der Cocawirkung*” na principal revista médica semanal de Viena a “*Wiener Medizinische Wochenschrift*” em junho de 1885, neste trabalho faz o relato de seus estudos

¹² BYCK, R. (Org.) Op. Cit. p 130

experimentais, ele se ocupa em descrever os efeitos objetivos, mensuráveis após a utilização da droga (como já mencionamos, foi a ocasião em que Karl Koller tomou conhecimento do fármaco). Cita que Koller havia apresentado uma comunicação no Congresso de Oftalmologistas de Heidelberg e que a cocaína era agora conhecida e aceita como anestésico local, o que era realmente importante. Mas apesar deste achado ele prosseguiu suas pesquisas e assim justifica: *tentei investigar objetivamente e, ao mesmo tempo, testar e medir quantitativamente um impressionante efeito geral deste alcalóide, que consiste na criação de um estado de exaltação e um aumento da capacidade e resistência, tanto física quanto mental.*¹⁴ Neste ensaio, Freud pretendia fazer observações menos subjetivas e esperava que um método objetivo de medições revelasse maior uniformidade na ação da droga. Ele continua: *como meio de especificar a ação da coca por mudanças em quantidades mensuráveis, decidi investigar a capacidade motora de determinados grupos de músculos e o tempo psíquico de reação.*¹⁵ Freud utilizou-se de um dinamômetro¹⁶ e um neuramebímeter de Exner¹⁷ para executar suas experiências. Ele conclui o trabalho manifestando a crença de que a ação propriamente dita da cocaína ocorre mais porque se efetua uma melhora na condição geral do organismo do que porque ocorra alguma ação do fármaco sobre a substância motora-nervosa ou sobre os músculos.

Outro ensaio foi lido perante o Clube de Fisiologia em 03 de Março de 1885 e dois dias depois foi apresentado à Sociedade Psiquiátrica, foi publicado com o título “*Über die Allgemeingwirkung des Cocains, Vortrag gehalten im psychiatrischen Verein,*” no mês de agosto no “*Medico-Chirurgische Centralblatt*”. Nesta ocasião Freud recapitula sobre as observações anteriores que já havia feito sobre o uso droga fazendo uma revisão geral. Ele pretendia despertar o interesse da classe psiquiátrica para o produto e, mantendo a aposta de que haveria uma aplicação interna para a cocaína, supõe que se poderia aproveitar o efeito de ‘aumento das capacidades funcionais’ decorrente do uso da droga para o tratamento de algumas enfermidades mentais. Seu entusiasmo não impede todavia, que ele faça logo uma importante ressalva: “*não pude deixar de notar, porém, que a disposição*

¹³ BYCK, R. (Org.) Op. Cit. p 132

¹⁴ BYCK, R. (Org.) Op. Cit. p 107

¹⁵ BYCK, R. (Org.) Op. Cit. P 108

¹⁶ Instrumento destinado a medir forças por meio da deformação causada por estas sobre um sistema elástico. Cf. FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

¹⁷ O instrumento consiste numa tira de metal que vibra cem vezes por segundo. O sujeito interrompe as vibrações assim que ouve o som causado pela liberação da tira regulada. O tempo decorrido entre a percepção do som e a ação completa de parar a mola é o tempo de reação. BYCK, R, Op. Cit. p 108

individual desempenha nos efeitos da cocaína um papel de vulto... Os fenômenos subjetivos após a ingestão da cocaína diferem de pessoa para pessoa, e só poucas experimentam, como eu, uma euforia pura, sem alteração.”¹⁸ É digno de nota que mesmo que Freud estivesse equivocadamente fazendo uma defesa da droga, ele já havia percebido que poderia haver dificuldades na aplicação da mesma, talvez esta característica criasse empecilhos para sua utilização mais ampla. Freud alega que em sua pesquisa experimental chegou a se utilizar de instrumentos para medir a ação da cocaína, sigamos seu argumento: *“o aumento da capacidade funcional manifestou-se muito regularmente como sintoma da ação da cocaína, e dirigi meus esforços para uma demonstração objetiva deste último.”*¹⁹ Ele destaca neste trabalho sobre dois pontos que poderiam ter interesse psiquiátrico no uso da cocaína. O primeiro era relativo à carência de fármacos capazes de estimular o sistema nervoso e Freud pensava que talvez fosse possível a aplicação da cocaína principalmente em quadros de debilidade psíquica, depressão, neurastenia, etc. O segundo era retirado dos relatos colhidos na América do Norte que indicavam a droga para o tratamento de casos de morfinomania. A indicação era sugerida quando se fazia a retirada da morfina e do ópio e o autor fiando-se nisto, sugere que se possa utilizar de injeções subcutâneas de cocaína para debelar crises de abstinência nos morfinômanos. Esta indicação para a cocaína na retirada da morfina era uma experiência que Freud estava tendo a oportunidade de observar de perto. Trata-se do caso de Ernest Von Fleischl-Marxow (1847-1891). Esta passagem é relevante e merece algumas observações que serão feitas logo adiante. Por fim é importante lembrar que apesar do teor otimista do ensaio, Freud não deixa de fazer uma prudente observação nas suas conclusões: *“o valor da cocaína na clínica psiquiátrica ainda está por ser demonstrado.”*²⁰

Como foi dito o nome de Fleischl-Marxow merece uma pequena digressão. Trata-se de um dos assistentes de Brucke no laboratório de fisiologia, era uma pessoa por quem Freud nutria respeito e admiração, em relação a este colega chegou em uma de suas cartas à noiva a utilizar os termos: *‘gosto dele com uma paixão intelectual, se você me permite esta expressão’*²¹. Fleischl-Marxow era professor e feriu seu polegar em uma pesquisa sobre anatomia patológica, este ferimento se infeccionou, de modo que o jovem médico

¹⁸ BYCK, R. (Org.) *Freud e a cocaína*. Notas de Anna Freud. Tradução Cláudia Martinelli e Mauro Gama. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1989. p 122

¹⁹ BYCK, R. (Org.) Op. Cit. p 122

²⁰ BYCK, R. (Org.) Op. Cit. p 124

(estava então com 25 anos) teve que amputar o polegar direito. Este foi apenas o início de um verdadeiro martírio pelo qual passou o fisiologista. A mutilação produziu dores lancinantes que iriam lentamente consumi-lo e em busca de lenitivo, acabou tornando-se um dependente de morfina. O material que Freud havia lido no “*Detroid Therapeutic Gazette*” narrava experiências exitosas com a cocaína na retirada da morfina. Munido desta informação sugeriu o uso de cocaína para o colega e Fleischl-Marxow tentou então tratar-se com a nova droga. Inicialmente conseguiu-se algum resultado relativamente satisfatório, mas o episódio naturalmente não teve um efeito positivo, a experiência se configurou uma peculiar situação na qual parecia se buscar espantar o Diabo usando o Belzebu,²² apenas mais adiante é que isto ficou claro, pois Fleischl-Marxow tornou-se tão dependente da cocaína quanto estava da morfina. No momento em que foi mencionado o sucesso da retirada da morfina no caso isto ainda não havia ocorrido, quando Freud apresentou seu trabalho na Sociedade Psiquiátrica, Fleischl-Marxow estava começando o tratamento com a cocaína para debelar as crises de abstinência de morfina que apresentava. Como foi apontado, nas primeiras semanas houve algum avanço, mas ao cabo de um tempo não muito longo o panorama mudou, pois ‘*Fleischl, o primeiro viciado em morfina na Europa a ser curado pela cocaína, tornou-se em contrapartida o primeiro viciado em cocaína na Europa, ou um dos primeiros.*’²³ Pode-se imaginar que este episódio deve ter tido um impacto pouco positivo para Freud, a cocaína iria alguns anos mais tarde, ser reconhecida como uma droga potencialmente perigosa. Não se tinha claramente esta percepção, o amigo Fleischl-Marxow iria passar ainda por um longo calvário até um funesto fim. Houve antes do desfecho do caso do fisiologista uma derradeira contribuição de Freud sobre o assunto.

A sua ultima publicação sobre a cocaína foi feita em 1887 com o título: “*Bemerkungen über Kokainsucht und Kokainfurch, mit Beziehung auf einen Vortrag W. A. Hammond’s*” novamente no jornal “*Wiener Medizinische Wochenschrift*”. Desta feita Freud discutiu a hipótese da cocaína ser capaz de produzir habito como outras drogas, ele ainda acreditava que apenas os morfinômanos estariam potencialmente expostos a desenvolver uma dependência desta natureza, na verdade ele considera sobre o risco

²¹ JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Vol. 1. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989. p 100

²² BYCK, R. (Org.) *Freud e a cocaína*. Notas de Anna Freud. Tradução Cláudia Martinelli e Mauro Gama. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1989. p 170

considerável de substituição de uma droga por outra que existe nestes casos, vejamos seu comentário:

Para os morfinômanos, o valor negativo do alcalóide descreve-se por outras razões. A cocaína transformou-se, para eles num substituto da morfina: um péssimo substituto, pois logo desenvolveram tolerância, precisando de doses maiores, de quase 1 grama diário, injetado subcutaneamente. Como já foi dito, a cocaína usada desta forma, é mais perniciosa ainda que a morfina.²⁴

Freud observou ainda acerca da desconfiança que havia quanto à utilização universal da cocaína, visto que apenas o efeito anestésico era invariável, a reação ao fármaco variava de indivíduo para indivíduo, sofrendo desse modo influências impossíveis de determinar e prever, residia ali então o ponto real de fabilidade da droga: a idiossincrasia encontrada nas reações ao alcalóide. O problema para o uso farmacológico da cocaína tornava-se assim translúcido, tratava-se de: “ – *nunca se saber antes se pode acontecer algum efeito indesejável.*”²⁵ Depois deste artigo Freud não se dedicou a mais nenhuma produção bibliográfica sobre a cocaína, desde 1885 ele já havia tido contato com Charcot e podemos pensar que seus interesses começaram a tomar outra direção.

É curioso o termo que Freud utilizou para referir-se posteriormente a estes anos de estudos sobre a cocaína, ele chamou esta passagem de um *allotriion*, o termo usado pelos professores de ginásio da época era empregado para designar tudo aquilo que distraia, ou afastava do sério cumprimento do dever em benefício de um passatempo ou distração.²⁶

Parece-nos que pode subtrair-se deste episódio como a curiosidade freudiana se animou por um aspecto de natureza econômica, ele ficou intrigado acerca de um aparente ganho de energia que se observava a partir do uso da cocaína. Em suas experiências consoante com suas fontes, Freud observou como o produto era capaz de restabelecer o

²³ BYCK, R. (Org.) *Freud e a cocaína*. Notas de Anna Freud. Tradução Cláudia Martinelli e Mauro Gama. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1989. p 313

²⁴ CESAROTTO, O. *Um affair freudiano: Os escritos de Freud sobre a cocaína*. Revisão Carmen Garcez e Beatris Chaves. São Paulo: Iluminuras, 1989. p 110

²⁵ CESAROTTO, O. Op. Cit. p. 111

²⁶ BYCK, R. (Org.) Op. Cit. p 307

organismo cansado, diminuir a fadiga, interferir no sono, suprimir sua necessidade. Estas observações o fizeram pensar que o produto permitia um ganho energético diante de desgastes oriundos do exercício de atividades físicas e intelectuais, ele de algum modo cativou a idéia de que esta ação pudesse ser útil em processos patológicos como a neurastenia e a depressão, daí suas indicações para as situações de debilitação psíquica; seu raciocínio pode-se dizer de algum modo simplista, assim se apresentava: “*a depressão, como qualquer outra manifestação neurótica, diminui a sensação de energia e de virilidade; a cocaína a restaura.*”²⁷

De algum modo os efeitos deletérios do *allotriion* de Freud só ficaram claros mais tarde face aos desdobramentos do caso Fleischl-Marxow, e da comprovação pela comunidade médica de que a cocaína padecia de alguma aplicação realmente segura como fármaco.

Mas pode-se pensar que apesar do equívoco das teses de Freud sobre a aplicação da cocaína esses dados que são anteriores a qualquer formulação da Psicanálise revelam algo do espírito freudiano. Percebe-se um clínico instigado pelas questões provenientes da prática médica e impregnado pelo espírito científico de sua época. É perceptível a influência da tradição mecanicista na formação de Freud que foi “*apreendida no laboratório de Brücke, a idéia de quantificação ficaria sempre incorporada à teoria, no que mais tarde seria chamado de “ponto de vista econômico”*”²⁸. Considerando assim, podemos pensar que as pesquisas com a cocaína trazem para Freud questões que parecem apontar para a possibilidade de circunscrição de variáveis energéticas como algo passível de quantificação. A possibilidade de mensurar quantidades organiza um campo e permite uma delimitação num *topos* próximo às chamadas ciências duras – aquelas que tomam a Física e a Matemática como modelos de ciência a serem seguidos. A termodinâmica aqui servia como um modelo que deveria ser transposto para o plano médico. É digno de nota, que nestes ensaios começa a se deslindar uma dimensão energética que se tornará na verdade uma preocupação constante para Freud. Como lembra Cesarotto “*Esta exigência da doutrina freudiana foi a resultante de um corpus conceitual impregnado de noções*

²⁷ JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Vol. 1. Tradução Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989. p 95.

²⁸ CESAROTTO, O. *Um affair freudiano: Os escritos de Freud sobre a cocaína*. Revisão Carmen Garcez e Beatris Chaves. São Paulo: Iluminuras, 1989. p 48

energéticas.”²⁹ Sabemos como o ponto de vista econômico serviu posteriormente para nortear toda uma lógica sobre o funcionamento do aparelho psíquico. Parece que nos escritos sobre a cocaína estas preocupações estariam de forma embrionária no espírito do jovem Freud. Isto parece ser realmente importante pois o psicanalista: “ *nunca deixou de levar em consideração as mudanças que a qualidade sofre por causa da quantidade. Por essa via, se faz presente uma dimensão dialética que permeia a totalidade de sua obra.*”³⁰

Passemos agora a algumas notas de Freud sobre o assunto álcool e drogas já inserido no contexto da psicanálise propriamente dita, este périplo considerará os tópicos mais conhecidos.

1.3. A masturbação como um vício

Em *Primeiras publicações psicanalíticas*, no artigo “*A sexualidade na etiologia das neuroses*” (1898/1987), Freud faz uma afirmação que nos parece interessante destacar. Enquanto discorre sobre a masturbação fala das dificuldades que se apresentam ao médico para se tratar deste “vício”. Segundo o autor há uma adesividade e uma tenacidade ao recurso da masturbação. Ele destaca: “*Entregue a si mesmo, o masturbador está acostumado, sempre que acontece alguma coisa que o deprime, a retornar a sua cômoda forma de satisfação*”³¹. O hábito dessa forma se apresenta com as mesmas características de outros vícios. Se na condução do tratamento para romper o vício, o médico se contentar apenas em privar o paciente da substância narcótica, seu sucesso será meramente aparente. Para Freud, o clínico deve se importar com a fonte donde brotaria a necessidade imperativa. O autor faz também uma afirmação que ainda é muito atual: “*A pesquisa mais minuciosa geralmente mostra que esses narcóticos visam a servir – direta ou indiretamente – de substitutos da falta de satisfação sexual; e sempre que a vida sexual normal não pode ser restabelecida, podemos contar, com certeza, com uma recaída do*

²⁹ CESAROTTO, O. *Um affair freudiano: Os escritos de Freud sobre a cocaína*. Revisão Carmen Garcez e Beatrís Chaves. São Paulo: Iluminuras, 1989. p 48

³⁰ CESAROTTO, O. Op. Cit. p. 48

paciente".³² A atualidade desse enunciado parece apontar para o aspecto de satisfação substitutiva oriunda desta forma de satisfação. É corrente ainda na contemporaneidade a idéia de que a satisfação tóxica se encontra na posição de sucedâneo da satisfação sexual. Deve-se levar em conta, porém, que, nesse tipo de substituição, falta o valor fálico, como bem nos lembra Santiago.³³

1.4. Os chistes e o álcool como fator de supressão da repressão

Em “*Os Chistes e sua relação com o inconsciente*” (1905/1977), o autor recorre a um analogia que nos interessa, pois estabelece uma relação entre as alterações provenientes de veículos inebriantes e os processos comuns da vida ordinária. Podemos pensar que seu foco é um elemento de natureza metapsicológica quando aproxima o efeito colhido num chiste, a supressão da censura, com o uso do álcool como artifício que dribla a compulsão crítica. Quando Freud demonstra o funcionamento da técnica do chiste, aponta que a fonte de obtenção do prazer colhido pelos falantes se dá pela via da produção de um *nonsense*, um efeito de absurdo que ocorre mediante um recurso linguajeiro. Do chiste advém uma experiência prazerosa porque ele interfere na natureza econômica na “*despesa psíquica ou de um alívio da compulsão da crítica*”.³⁴

Nesse texto, o autor fala das “*Bierschwefel*”³⁵ (*fala burlesca enunciada em cervejadas*), os ditos espirituosos e *nonsense* aos quais de tão bom grado se entregam os

³¹ FREUD, S. *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898). Primeiras publicações psicanalíticas – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. III. Tradução Jayme Salomão, 2ª edição, Revisão Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987. p. 246.

³² FREUD, S. Op. cit. p. 246.

³³ LECOEUR, B. *O homem embriagado* – Estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e o alcoolismo (Introdução de Jésus Santiago). Centro Mineiro de Toxicomania – FHEMIG – Conferências da V Jornada do CMT. Belo Horizonte, 1992. p. 16.

³⁴ FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VIII. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. p. 150.

³⁵ FREUD, S. Op. cit. p. 149.

estudantes universitários. Neles, “o estudante tenta recuperar seu prazer na liberdade de pensar, da qual vai sendo mais e mais privado pela aprendizagem da instrução acadêmica”³⁶. Não nos parece haver uma tradução para o português dessa palavra, mas isto não nos impede de captar a impressão que Freud deseja passar; ou seja, ela fala das situações nas quais um humor caloroso se instaura, quando os acadêmicos se encontram extraclasse em seus tão almejado festins regados a álcool. Segundo o autor um efeito primário do álcool é efetivamente diminuir o efeito da censura. É dessa qualidade que Freud fala:

Uma mudança no estado de espírito é o mais precioso dom do álcool à humanidade e, devido a isso, o “veneno” não é igualmente indispensável para todos. Uma disposição eufórica, produzida endogenamente ou por via tóxica, reduz as forças inibidoras, entre as quais o senso crítico, tornando de novo acessíveis fontes de prazer sobre as quais pesava a supressão.³⁷

Nesse texto os efeitos do álcool e a diminuição da repressão são relacionados. É destacado o elemento econômico que cursa na apreciação do chiste, uma supressão (*unterdrückung*) opera no chiste, em razão da economia psíquica proveniente da supressão do recalque. Há um efeito análogo ao chiste na fala espirituosa do homem embriagado, sob a pena de Freud, chiste e embriaguez revelam o fio de um mesmo princípio, no qual algo relativo à censura é suprimido.

1.5. Sobre o casamento feliz

Na série *Contribuições à psicologia do amor*, no texto intitulado “*Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*” (1912/1970), Freud faz elaborações sobre o antagonismo entre a civilização e as moções pulsionais. Ele sustenta a

³⁶ FREUD, S. Op. cit. p. 149.

³⁷ FREUD, S. Op. cit. p. 150.

impossibilidade de harmonia que existe entre os clamores de nossos instintos sexuais e as exigências da civilização³⁸.

O autor constata o quão precária pode ser a junção entre as moções afetivas e as moções sexuais no que se refere à escolha do objeto para alguns sujeitos do sexo masculino. Algo que parece uma impossibilidade se estabelece no desfecho do encontro amoroso. Uma operação de rebaixamento do objeto surge como pré-condição necessária para que o sujeito possa desejar. A observação freudiana destaca que há uma clivagem em curso entre as moções afetivas e as moções sexuais, e que em alguns homens a eleição da parceria amorosa considera uma exclusão: ou bem se deseja ou bem se ama. A estes homens é possível desejar, desde que se faça um rebaixamento necessário de seu objeto – a mulher numa posição inferiorizada. Por outro lado, ele pode amar mantendo a parceira numa posição idealizada, de um objeto digno ao amor como o modelo do amor materno.

Freud comenta ainda sobre os obstáculos que se fazem necessários erigir para que se torne mais valoroso o atrativo do objeto. Ele estabelece uma relação entre a qualidade da satisfação e o acesso ao objeto. No texto, Freud pergunta: “*será verdade que, com a satisfação do instinto, seu valor psíquico sempre cai na mesma proporção?*”³⁹ Adiante afirma que existe algo que se configura como uma relação harmoniosa, o psicanalista encontra nas palavras do poeta Böclín, a confissão de que a relação do bebereão com o vinho é tão harmoniosa quanto um casamento feliz, neste modo de satisfação, “*o hábito reforça o vínculo que prende o homem à espécie de vinho que ele bebe*”⁴⁰. Entretanto, se o valor psíquico das necessidades eróticas se reduz quando se torna fácil sua satisfação, não parece ser o que encontramos na relação do bebedor com o vinho, uma vez que no “hábito” do bebedor não encontraríamos a diminuição da satisfação. O bebedor não precisa aumentar suas dificuldades ao acesso ao seu produto para que tenha aumentada, proporcionalmente, a qualidade de sua satisfação.

³⁸ FREUD, S. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (Contribuições à psicologia do amor II) (1912) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970. p. 172.

³⁹ FREUD, S. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (Contribuições à psicologia do amor II) (1912) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970. p. 171.

⁴⁰ FREUD, S. Op. cit. p. 171.

Lecoeur usa esta referência de Freud para comentar sobre a relação do sujeito com um produto: “*A relação do bebedor com o vinho faz exceção às modalidades da escolha do objeto e, mais geralmente, às condições da relação de amor*”.⁴¹ E lembra que o casamento é, de modo geral, matéria de escárnio face às poucas satisfações que proporciona: “*o casamento apoia-se sobre um amor antes de tudo miserável, pois procura suprir a incapacidade da pulsão sexual para reunir homem e mulher. Por isso o casamento com o vinho é fora do comum, visto que ele não se importa com os impasses do sexo*”.⁴² O casamento feliz é um casamento que, paradoxalmente, pretere o Outro. O casamento do bebedor com o vinho visa contornar os efeitos do encontro com o outro sexo. Da busca de um objeto amoroso como um dos destinos possíveis para os sujeitos, ao casamento como instituição estabelecida, um hiato se evidencia: o casamento proporciona pouca satisfação. O modelo de um casamento feliz, que é tão distante das condições reais nas quais ocorrem os investimentos entre a libido e seus objetos, é enunciado na relação do bebedor com o vinho como o apanágio de um encontro feliz.

Nas relações entre os homens com seus objetos, obstáculos se agigantam, sendo necessários processos como uma clivagem ou um afastamento do objeto para fazer seu valor crescer, mas isto não é o que podemos constatar na relação do bebedor com o vinho. O copo é um parceiro mudo que não faz demandas nem solicitações. Este tipo de relação “feliz” com um objeto produz uma situação insólita, já que se apresenta de forma contrária às relações afetivas que só fazem denunciar suas impossibilidades intrínsecas, reforçadas por suas raízes no processo civilizatório. A escolha do parceiro amoroso, o encontro com o outro sexo é sem proporção, é o que surge como uma constatação possível, e o alcoolista parece querer se furtar deste encontro.

⁴¹ LECOEUR, B. *O homem embriagado* – Estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e o alcoolismo (Introdução de Jésus Santiago). Centro Mineiro de Toxicomania – FHEMIG – Conferências da V Jornada do CMT. Belo Horizonte, 1992. p. 20.

⁴² LECOEUR, B. *Clínica de um casamento feliz*. Elementos para uma clínica psicanalítica do alcoolista – O homem embriagado – Estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e o alcoolismo. Centro Mineiro de Toxicomania – FHEMIG – Conferências da V Jornada do CMT. Belo Horizonte, 1992. p. 22.

1.6. Mania e embriaguez, analogias possíveis

No texto “*Luto e melancolia*” (1917/1974), Freud se dedica à melancolia buscando compreender sua dinâmica interna a partir da leitura da Psicanálise. No texto o autor circunscreve pontos em comum que se podem observar nesses dois estados. Grosso modo, os dois fenômenos denotam uma reação penosa à perda.

O luto habitualmente diz respeito à perda de um objeto ou de algo que seja caro ao paciente. Compreende um processo que cursa com a retirada da libido do objeto que não se encontra mais disponível e se faz acompanhar de um processo sofrível, mas compreendido como natural, não patológico.

Na melancolia o paciente também se ressentido de uma perda que tanto pode ser de um objeto, quanto algo de natureza mais ideal. A melancolia porém adquire uma coloração mais sombria e cursa com uma importante perturbação da auto-estima. No luto, o mundo se encontra mais pobre e vazio, e na melancolia, é o próprio eu que se encontra neste estado.⁴³

Freud faz um paralelo entre a melancolia e a mania, localizando-as como desordens que lutam com o mesmo “complexo”. A diferença seria que a melancolia sucumbe ao complexo e a mania o domina ou o põe de lado. O psicanalista observa que os estados que surgem na mania, a alegria, a exultação, etc., dependem de condições econômicas. Freud ilustra dizendo que tais estados ocorrem quando um grande dispêndio de energia que era forçosamente imposto ao paciente de repente se faz desnecessário, liberando a quota de energia que se encontrava mobilizada para tal finalidade. Assim, a energia se encontrará disponível para toda sorte de aplicações de descarga. Ele diz:

quando uma longa e árdua luta se vê afinal coroada de êxito, ou quando um homem se encontra em condições de desfazer, de um só golpe, de uma compulsão opressiva, alguma

⁴³ FREUD, S. *Luto e melancolia* (1915) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974, p. 275.

posição falsa que teve que manter por muito tempo... Todas essas situações se caracterizam pela animação, pelos sinais de descarga de emoção jubilosa e por maior disposição para todas as espécies de ação – da mesma maneira que na mania, e em completo contraste com a depressão e a inibição melancólica.⁴⁴

Freud nos diz que a mania é um triunfo dessa natureza e localiza: “*A embriaguez alcoólica, que pertence à mesma classe de estados, pode (na medida que é exaltação) ser explicada da mesma maneira; aqui, provavelmente, ocorre uma suspensão, produzida por toxinas, de dispêndios de energia na repressão*”.⁴⁵

Mais uma vez um aspecto de natureza econômica orienta o raciocínio do psicanalista de modo a permiti-lo fazer uma aproximação entre o produto inebriante e uma alteração psíquica.

1.7. O mal estar e o tratamento pela droga

Em “*O mal estar na civilização*” (1930/1974), Freud sustenta que a vida do homem na civilização longe de ser uma promessa de felicidade, configura-se como fonte de intermináveis restrições, fator de repressão, origem de mal-estares diversos, que acaba por trazer ao homem muito mais exigências que benesses. Se a cultura organiza o agrupamento dos homens permitindo sua proteção contra a natureza e regulamentando suas relações, ela não o faz sem grandes dispêndios energéticos, “*todo o progresso da civilização paga o preço de uma renúncia de prazer*”.⁴⁶ A repressão das moções pulsionais se revela como condição *sine qua non* da civilização. A constatação freudiana é a de que até mesmo o poderoso princípio do prazer curvou-se às exigências do princípio da realidade.

⁴⁴ FREUD, S. Op. cit. p. 287.

⁴⁵ FREUD, S. Op. Cit. p. 287.

⁴⁶ SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano: uma parceria clínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 101.

Freud repertoria nesse texto as fontes essenciais do mal-estar: o corpo condenado à decrepitude, a grandeza dos fenômenos da natureza em contrapartida à fragilidade do homem e finalmente, suas relações com os outros homens. Essas circunstâncias delineiam a oposição antinômica do programa da cultura em relação ao cumprimento do princípio do prazer.

“*Aquele que tem preocupações, tem também aguardente*”⁴⁷ (*Wer sorgen hat, hat auch likör*). Freud cita Wilhelm Busch, quando considera o aspecto indispensável que adquirem as substâncias estupefacientes como forma de tratamento do mal-estar oriundo das relações do homem com a cultura. As substâncias tóxicas permitem um efeito sedativo face às exigências da civilização.

As “construções auxiliares” (*Hilfskonstruktionen*) surgem como medidas possíveis, alternativas que o homem busca para atenuar o sofrimento. A técnica do uso da droga produz uma ação no corpo, “*altera a sua química*”⁴⁸, mostrando-se um método grosseiro e eficaz com a produção de sensações prazerosas e “*alterando, também, tanto as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis*”.⁴⁹ Ao produzir uma ação tóxica tão eficiente, essa via que toma as proporções de um “tratamento” revela-se aparentemente de grande eficácia. Esse aspecto relativo a um tratamento possibilitado pela ação tóxica bem como sua suposta eficácia é um ponto que discutiremos mais adiante.

Freud destaca o valor que o uso de produtos tóxicos adquire como um lugar permanente na economia libidinal, tanto de indivíduos quanto de povos. Isso ocorre face à produção do prazer imediato, do grau de independência do mundo externo, das privilegiadas condições de sensibilidade encontradas num mundo próprio quando se lança mão deste eficiente “*amortecedor de preocupações*” (*Sorgenbrecher*)⁵⁰. Na verdade,

⁴⁷ FREUD, S. *O mal estar na civilização* (1929) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974. p. 93.

⁴⁸ FREUD, S. *O mal estar na civilização* (1929) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974. p. 93.

⁴⁹ FREUD, S. Op. cit. p. 96.

⁵⁰ FREUD, S. Op. cit. p. 97.

Freud destaca o risco eminente de soluções que consideram “o gozo antes da cautela”⁵¹. No que diz respeito à droga como solução, adverte quanto ao risco inerente à nocividade deste método. O uso de droga como tratamento do mal-estar é considerado por ele um “desperdício de uma grande quota de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano”.⁵²

O uso de um produto como tratamento possível ao mal-estar revela dessa forma seus aspectos nocivos: o refúgio num mundo próprio, uma negligência com aspectos do laço social que, conforme Santiago: “não pode ser apreendido senão a partir do caráter cínico inerente à solução própria do método químico de intoxicação, que, em última instância, atinge o elemento autístico e solitário desse modo de satisfação substitutivo”⁵³, a satisfação tóxica determina o desvio da satisfação sexual. “O que parece importante, nessa consideração sobre a parceria com a droga, é o investimento maciço do sujeito no produto, num movimento que o promove a objeto único, encobrindo os outros com sua sombra terrível.”⁵⁴

Santiago sustenta que, em “O mal-estar”, Freud faz um paralelo sem precedentes entre a droga e o sintoma considerando este último pela via da satisfação substitutiva. Da mesma maneira que a fuga para a doença nervosa como uma satisfação substitutiva pode se configurar uma técnica vital, surge também a intoxicação crônica para alguns sujeitos como uma saída possível, de acordo com Freud: “O homem que, em anos posteriores, vê sua busca da felicidade resultar em nada ainda pode encontrar consolo no prazer oriundo da intoxicação crônica, ou então se empenhar na desesperada tentativa de rebelião que se observa na psicose.”⁵⁵

Santiago destaca no texto de Freud a intoxicação crônica e a satisfação substitutiva. Para este autor, a hipótese que deriva é a de que Freud coloca a droga como “uma técnica

⁵¹ FREUD, S. Op. cit. p. 96.

⁵² FREUD, S. Op. cit. p. 97.

⁵³ SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 110.

⁵⁴ SANTIAGO, J. Op. cit. p. 112.

⁵⁵ FREUD, S. Op. cit. p. 104.

*de substituição oriunda da insuficiência da satisfação substitutiva do sintoma” e, a partir disso, conclui que o interesse de Freud era “acentuar na toxicomania, a posição do sujeito quanto à saída do sintoma.”*⁵⁶ Santiago aponta para o aspecto insuficiente dessa saída e insiste na sua argumentação: *“na eficácia provisória da função de apaziguamento dessa técnica do corpo, destinada a obter satisfação no quadro dos impasses crescentes do programa da civilização que visa refrear o gozo.”*⁵⁷ Algum efeito nocivo parece sempre retornar quando o sujeito lança mão da estratégia do uso dos produtos estupefacientes.

Essas são algumas das observações de Freud mais comentadas sobre a questão do álcool e da droga, tendo permanecido como referência para considerações teóricas formuladas acerca do tema. Nesta dissertação interessarão alguns destes textos que são mais frequentemente trabalhados como referência. Buscaremos um fio que manterá no horizonte apenas os apontamentos que podem contribuir efetivamente para um direcionamento neste trabalho.

Retenhamos a idéia de que alguns sujeitos buscam uma forma de tratamento ao mal estar no uso da droga e do álcool. É uma observação importante, seguramente até aquele momento nada parecido havia sido pensado desta forma. A notação dá pista sobre aspectos libidinais em curso nesta espécie de tratamento, é igualmente importante dizer que não escapa a Freud sobre os riscos deste tipo de investimento. Se nesse horizonte supõe-se a idéia de um bem estar possível ou a possibilidade de alguma satisfação pela obtenção de prazer, não é o que a clínica demonstra. Na toxicomania, o remédio se transforma em veneno, visto que sua ação parece não considerar dosagens terapêuticas. O que se vê é um excesso que na forma de um imperativo deixa algo transbordar produzindo inumeráveis efeitos colaterais.

Outro ponto que nos interessa diz respeito à ação do álcool em relação à censura. A idéia do álcool como um elemento capaz de suprimir os efeitos da repressão merece nossa atenção. Tomemos o termo repressão sob o ângulo da censura proveniente do supereu, como Freud propôs na apreciação deste tópico. O psicanalista destaca como característico no álcool a suspensão das censuras oriundas do supereu. Essa hipótese ganhou corpo

⁵⁶ SANTIAGO, J. Op. cit. p. 109.

⁵⁷ SANTIAGO, J. Op. cit. p. 109.

sobretudo para Ernest Simmel que fez a formulação de que “*o supereu alcóolico é solúvel em álcool*”. Esse ponto merece de nossa parte uma investigação mais aprofundada, pois queremos inquirir exatamente o que desse enunciado mantém sua pertinência na contemporaneidade.

Mantenhamos também a idéia do casamento com o produto, o propalado matrimônio feliz, que na verdade denuncia a qualidade da relação de um sujeito com seus objetos. De certa maneira, o matrimônio com a droga revela um modo de tratamento que determinados sujeitos podem oferecer à questão do encontro com o Outro sexo. Mais adiante tentaremos investigar com mais acuidade o tema a partir de um apontamento que Jacques Lacan teceu sobre a toxicomania.

Podemos entender que mesmo que a toxicomania não cursasse exatamente como uma categoria ou estrutura clínica por assim dizer, a psiquiatria, desde a época de Freud, já havia sido solicitada a dar pareceres e oferecer soluções para o problema. Freud teve alguns seguidores que eram psiquiatras e a presença deles levou as formulações da Psicanálise a uma interlocução com a psiquiatria e conseqüentemente a participação nos debates acerca da delimitação ou da dinâmica das patologias mentais. As considerações de Freud sobre os produtos estupefacientes, mesmo que tenham sido pontuais, serviram contudo para que se desse prosseguimento a uma pesquisa mais detida sobre o tema. Esses apontamentos iniciais subsidiam na atualidade uma clínica psicanalítica que é convocada efetivamente para oferecer respostas ao problema do alcoolismo e da toxicomania.

A questão do uso de álcool e drogas toma proporções vultuosas na contemporaneidade sendo localizados como um importante problema para a saúde pública. Os órgãos públicos são convocados a dar um encaminhamento para a questão e a resposta surge na forma de políticas de saúde que visam acolher na rede de saúde mental os casos que demandem intervenções.

No Brasil uma reforma psiquiátrica toma corpo a partir da aprovação da lei 10.216 que redireciona o modelo assistencial em saúde mental e regulamenta a política de atenção à saúde mental. Essa lei prevê a desconstrução do modelo hospitalocêntrico e institui os tratamentos extra-hospitalares como foco de suas intervenções. Na prática redireciona os tratamentos para os serviços comunitários de saúde.

No curso da implantação da reforma psiquiátrica, surge a portaria GM Nº 336 que estabelece a criação dos CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), como forma de substituição ao hospital. A portaria que cria os CAPS orienta também sobre os chamados CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas). Esses serviços deverão acolher como clientela os usuários crônicos de álcool e droga. Essas ações de políticas públicas nos dão a medida da envergadura que tomou a questão do uso de álcool e drogas nos nossos dias.

Passemos a uma apreciação dos contornos que delineiam a localização da toxicomania e do alcoolismo, a partir do momento que estes fenômenos tomam proporções relevantes, no que tange aos seus desdobramentos no laço social e suas conseqüências para a saúde pública. Uma leitura calçada na orientação lacaniana nos guiará.



CAPÍTULO 2 – TOXICOMANIA E PSICANÁLISE – O DISCURSO DA CONTEMPORANEIDADE

2.1. Toxicomania como nova forma de sintoma – um produto da ciência

A psicanálise de orientação lacaniana localiza nas manifestações dos “novos sintomas”, entre outros, a figura do toxicômano. É uma manifestação que é absolutamente sincrônica a sua época como buscaremos mostrar adiante.

Para que possamos circunscrever o nosso campo surgem algumas perguntas necessárias. Primeiramente: em que circunstâncias surge a toxicomania? Existe uma especificidade na relação do sujeito moderno no uso que se faz hoje das substâncias estupefacientes?

A toxicomania é um conceito relativamente novo que aparece no contexto da Revolução Industrial, não é um conceito proveniente da clínica, mas antes da idéia de saúde pública do fim do século XIX.⁵⁸

Para situar as condições que a precederam e determinaram é importante detectar os efeitos derivados da produção e criação de novos produtos pela ciência. O desenvolvimento da farmacologia, na primeira metade do século XIX, é um exemplo elucidativo que serve aos nossos interesses e ilustra bem os efeitos da imissão destes avanços na cultura e nos hábitos dos homens. Com o progresso da Química, que permitiu a extração de alcalóides da papoula e da coca, veio à cena uma proliferação de produtos cada vez mais poderosos como a morfina (1804), a cocaína (1860) e a heroína (1874). Vale a pena notar como alguns destes produtos ao surgir foram alardeados como a panacéia para toda sorte de males da carne. Não obstante eram descobertos também instrumentos revolucionários para a Medicina, que visavam uma otimização em suas aplicações como,

⁵⁸ RUBIO, G. *Le toxicomane: un homme de parole* – Forum Psychanalytique de Bruxelles – Foruns du champ lacanien, journée du 11 juillet, 1999. Versions du symptôme. In: www.champlacanien.france.net Acesso em 11.07.06, 09:20 hs.

por exemplo, a seringa hipodérmica (1840) que permitia a administração de drogas diretamente na corrente sanguínea. De uma maneira absolutamente natural esses novos produtos originários do mundo médico foram introduzidos na vida social passando a fazer parte da rotina dos cuidados e procedimentos sanitários e curativos.

O desenvolvimento tecnológico engendra uma miríade de produtos e os oferece ao mercado, a simples visada destas ofertas regularmente tem como efeito o surgimento de demandas nos mercados de consumo. As descobertas da ciência embaladas pelos apelos do discurso capitalista produziram uma enorme expansão de produtos, e entre estes também os estupefacientes. Um grande mercado de drogas, naquele momento ainda insuficientemente conhecido do ponto de vista clínico e evidentemente promissor do ponto de vista econômico, se oferecia ao mundo.

A introdução na Europa dos excedentes do comércio inglês de ópio ou os esforços de grandes indústrias farmacêuticas como a Bayer, por exemplo, para comercializar a heroína – “irmã da aspirina” – podem ilustrar este quadro. É no fim do século XIX que o uso de estupefacientes começa a ser considerado como um flagelo por uma parte da população⁵⁹. Por seu turno a Medicina passa a se interessar pelas novas síndromes produzidas pela intoxicação e estabelecer os quadros clínicos do alcoolismo, do morfismo, do cocainismo etc. Naquele momento já se evidenciam os problemas da intoxicação sobre o corpo e se iniciam os estudos de seus efeitos.

A droga pode ser pensada nesse contexto como apenas mais um entre tantos outros elementos que a ciência descobriu ou potencializou. O discurso da ciência busca decodificar os elementos da natureza, busca suturar o real. Dar um bom nome às coisas é seu objetivo, mas seu progresso transcende o quadro de uma boa denominação e efetivamente cria novos produtos que simplesmente não existiam.

É importante verificar como a incidência desses efeitos da ciência no cotidiano modula a questão da oferta de objetos e a relação dos sujeitos com os mesmos. Entre essa proliferação interminável de produtos que surgem encontraremos muitos que se

⁵⁹ Rubio, G. www.champlacanian.fr – forum psychanalytique de Bruxelles – Foruns du champ lacanien , journée du 11 juillet 1999. Versions du symptôme. Le toxicomane : un homme de parole. 11.07.06. 09:20 hs

caracterizam pelo aspecto efêmero de suas finalidades ou utilizações. Contudo, estes objetos surgem vinculados a um forte apelo de consumo oriundo do discurso capitalista, que apregoa a via do consumo como uma via de satisfação. Expostos nas prateleiras, vitrines e telas digitais esses objetos serão chamados *gadgets* e permitem a utopia do acesso a todos de modo igualitário, quase regulador, na produção de uma espécie de gozo uniformizado. Surgem como necessários e capazes de realizar o impossível. Essas próteses que anulam a relação do homem com a falta, tamponam a divisão subjetiva. São objetos que a ciência liga aos homens e passam a existir para que o sujeito possa deles gozar.

Contudo, junto aos arroubos tecnológicos da ciência com toda a sorte de utilitarismo possível que se encontra nos produtos que ela oferece, surgem formas de utilização que não haviam sido previstas. O programa da ciência não consegue inibir ou calcular o que vem a mais, o que retorna como indecifrável das coordenadas do real, impossíveis de quantificar. O simbólico não recobre todo o real. Alguma coisa retorna, efeitos de um real sem significação. Algo escapa e podemos aí colher a própria noção de sintoma, que revela um retorno da verdade como falha no saber, conforme pensa Lacan.⁶⁰

A máxima de Lacan “*com a oferta criei a demanda*”⁶¹, parece encontrar nos produtos e no discurso do capitalismo uma encarnação fiel. A droga na modernidade surge paradoxalmente como um desses objetos que foi, senão necessariamente criado, ao menos virtualmente otimizado por avanços tecnológicos. A droga hoje funciona numa espécie de utilitarismo às avessas e mostra a outra face de um objeto mais de gozar criado pela ciência. Como todos os novos objetos inseridos no mundo, vêm embalada pelo discurso capitalista podendo servir como um novo modo de gozo na sociedade. O uso da droga contudo parece vir na contramão dos modos de gozo socialmente sancionados. Na toxicomania tal uso ocorre como um fenômeno em que encontramos presente o excesso, pertinente ao discurso capitalista, mas na forma de uma desmedida que desdenha a normatização imposta pelo laço social.

Miller assinala com uma observação importante acerca dos paradigmas do gozo que pode nos auxiliar para pensar sobre a questão do excesso que aqui apontamos:

⁶⁰ LACAN, J. *Do sujeito enfim em questão*. Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p 234.

Acrescento que a oposição do prazer e do gozo é essencial. O princípio do prazer aparece, de algum modo, como uma barreira natural ao gozo e, portanto, a oposição se estabelece entre a homeostase do prazer e os excessos constitutivos do gozo. Trata-se, ao mesmo tempo, da oposição entre o que é da ordem do bem – do lado do prazer – e aquilo que o gozo sempre comporta de mal.⁶²

O uso que se faz da droga na atualidade poderia ser pensado nessa vertente, como um tratamento no qual o sujeito se utiliza do *pharmakon*. Porém na toxicomania assistiremos algo que retorna de modo paradoxal, como um remédio sem boa medida – “*um remédio que se torna veneno*”.⁶³

É como um efeito do discurso da ciência que a Psicanálise de orientação lacaniana vai localizar a toxicomania tipificando-a inicialmente entre as “Novas formas de sintoma”. Nas “Novas formas de sintoma” encontraremos explicitadas as manifestações que revelam a decadência das referências ligadas ao ideal, os efeitos da vacilação dos semblantes e todo o rechaço do saber tão característico da nossa época. No final da década de 80, os trabalhos do GRETA (*Groupe du Recherche et Études sur la Toxicomanie et Alcoolisme*) anunciavam as “Novas formas de sintoma”. Estas manifestações se expandem e tomam corpo no século XXI como “novos sintomas e novas angústias” e trazem como característica eminente o empuxo contemporâneo ao gozo.⁶⁴

A toxicomania como “*método químico de intoxicação, é a prova cabal do efeito do discurso da ciência nos interstícios do saber, que cria um novo produto tanto no mercado de bens, como no o mercado de gozo*”.⁶⁵ A droga pensada como um dos muitos produtos engendrados pela ciência é um novo *gadget*. Assim, em conformidade com o raciocínio

⁶¹ LACAN, J. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 623.

⁶² MILLER, J. A. *Os seis paradigmas do gozo*. Opção Lacaniana. Nº 26-27, abril, 2000. p. 92.

⁶³ SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano; uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 159.

⁶⁴ TARRAB, M. *Produzir novos sintomas*. In www.nucleosephora.com/asephallus/numero_02/artigo-05port_edicao_02.htm. Acesso em 10 de fevereiro de 2007.

⁶⁵ LEMOS, I. *A toxicomania e o discurso da ciência*. Mental: Revista de Saúde Mental e Subjetividade da UNIPAC – V. 2, Nº 3, Novembro 2004. Barbacena, MG: UNIPAC. p. 52.

freudiano de 1929, a droga continua a funcionar como uma forma de resposta ao sofrimento.

Nos tempos modernos é o discurso capitalista que organiza um gozo possível para os sujeitos através de seus apelos ao consumo. É o imperativo da obtenção de objetos que funciona como maneira de tratar a falta. Por esse viés, a droga encontra assim um lugar específico:

Na esfera das relações interpessoais como na da troca econômica, o ideal consumista se prevalece da crença num objeto de direito sempre disponível, com a condição de poder comprá-lo, num gozo sem interdito. Se observará simplesmente o que no horizonte poderia figurar melhor esse objeto sempre acessível, desse gozo garantido por fatura; é o objeto do toxicômano, as drogas de todas as espécies que nossa época multiplica e diversifica.⁶⁶

A toxicomania surge como substituto das formas usuais de manifestação dos sintomas. Sabemos que os sintomas habituais das neuroses conforme propõe Freud, portam uma dimensão de ciframento e são passíveis de interpretação. Pressupõe uma divisão subjetiva, a ação do recalque e do subsequente retorno do recalado. Como diz Miller: *“Alguma coisa se cifra e se decifra, sem dúvida, nas formações do inconsciente. Isto é evidente em Freud. Mas também, para Freud, alguma coisa se satisfaz no que se cifra e se decifra”*.⁶⁷

Maurício Tarrab adverte-nos quanto às características destes “novos sintomas”: *“A toxicomania, a bulimia, a anorexia, os ataques do pânico e tudo o mais que colocarmos neste saco estão muito próximos do que Lacan chamava a operação selvagem do sintoma, e vão na contramão da vertente simbólica do sintoma como mensagem. É o sintoma que não pede nada, que é a fixação de gozo.”*⁶⁸

⁶⁶ CHEMAMA, R. “Um sujeito para o objeto”. In GOLDENBERG (Org.). *Goza!: capitalismo, globalização e psicanálise*. Salvador: Agalma, 1997. p. 36.

⁶⁷ MILLER, J. A. Os seis paradigmas do gozo. Orientação Lacaniana. *Os seis paradigmas do gozo*. Opção Lacaniana. Nº 26-27, abril, 2000. p. 88.

⁶⁸ TARRAB, M. *Produzir novos sintomas*. In www.nucleosephora.com/asephallus/numero_02/artigo-05port_edicao_02.htm Acesso em 10 de fevereiro de 2007.

A toxicomania encontra lugar então entre os “novos sintomas” e não se enquadra na vertente clássica do sintoma como metáfora. Sua manifestação aponta antes para uma espécie de atuação, na qual o mal-estar não aparece cifrado, mas explicitado como gozo sem medida, desregulado. “*O que podemos verificar nessas novas formas de gozar é que as atuações prevalecem sobre o simbólico.*”⁶⁹

Na contemporaneidade não é apenas a clínica do sintoma passível de interpretação que interpela o analista, como bem salienta Figueiró:

Portadora da pulsão de morte, a clínica do consumo é a clínica do aniquilamento do sujeito em sua repetição, em sua solução ao mal-estar contemporâneo. É por isso que fazemos de seu campo os sintomas da nossa atualidade, que, ao banalizar os ideais e ignorar as particularidades, globaliza-se em seu apetite de consumo frenético, na oferta em escala crescente dos objetos para a satisfação e até mesmo nas extrapolações de um bem-estar. Sem dúvida alguma, a subjetividade de nossa época se encontra de tal modo afetada pelas exigências do mercado, nutrido, ele próprio, pela fabricação ininterrupta de objetos ofertados pela ciência, que ela acaba por ter perdidas as suas referências; ela acaba, enfim, por ser consumida em seu próprio consumo.⁷⁰

O toxicômano nesse contexto é este sujeito que traz um paradoxo interessante: ele é um consumidor-consumido. Talvez possa se levantar a hipótese de que ele é um efeito colateral da confluência de alguns aspectos relativos à evolução da ciência e o empuxo ao consumo. Esse enlace produziu o que a Psicanálise localiza como o declínio da função paterna com o subsequente esgarçamento dos significantes mestres, e é este o ponto que investigaremos a seguir.

⁶⁹ BENTES, L. *De que padece o sujeito*. In www.cetta.psc.br/main-noticias2.cfm? Acesso em 21.11.2006 22:15 hs

⁷⁰ FIGUEIRÓ, A. M. C. L. *Seminários*. Agenda EBP. Minas Gerais: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental, agosto, 2003. p. 11.

2.2. A crise do pai e o capitalista que manda gozar

Para Lacan o surgimento da Psicanálise ocorre num momento em que se podia localizar no seio da vida social um declínio da imago paterna. A Viena da época de Freud é uma metrópole de confluências. Para esse centro efervescente dirige-se toda sorte de pessoas em busca de oportunidades. Em meio a esse burburinho de modernidade assiste-se a diversos arranjos familiares em novas configurações, que são fruto sobretudo do quadro sócio-econômico que passa a se delinear naquele momento. Esse caminho sem volta rompe com o modelo clássico da família patriarcal que passa, a partir de então, a declinar.

Esse declínio produzia o que Lacan identificou em *“Os complexos familiares”* como uma crise psicológica. A imago paterna na figura de seus representantes e substitutos claudica. Assim, Lacan anuncia como colhe na sua experiência a personalidade desse pai que surge; *“sempre de algum modo carente, ausente, humilhada, dividida ou postiça. É essa carência que, de acordo com nossa concepção do Édipo, vem estancar tanto o ímpeto instintivo quanto a dialética das sublimações”*.⁷¹

Enquanto Freud constrói sua teoria caminha para a dissolução a figura do grande patriarca. Sabemos de todo o amor de Freud pelo pai. Talvez ele tenha tentado salvá-lo atribuindo toda a consistência que deu aos desdobramentos dessa figura através do Édipo, do Pai da horda ou no final com o Moisés. Mas a constatação que se pode fazer é que a instância paterna, como o que pode organizar as formas de gozo, apresenta-se desde Freud e sobretudo com Lacan, em franca decadência. Lacan diz que as neuroses daquela época já se revelavam intimamente dependentes das condições da família. Quando a Psicanálise surgiu já começava a decadência das referências ligadas ao ideal, já vacilavam os semblantes da cultura. Bentes comenta sobre esse ponto:

Se a psicanálise nasce quando, historicamente, entra em vigência o capitalismo, o qual vem modificar as condições de gozo dos bens, é evidente que tais condições definem a

⁷¹ LACAN, J. *Os complexos familiares na formação do indivíduo* – Outros Escritos. Tradução Vera Ribeiro, versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 67.

subjetividade de uma época, ou seja, a maneira como é refreado o gozo e se transmite a castração, a lei.⁷²

Colhemos todos os efeitos da derrocada da figura paterna. “*O complexo de Édipo é cada vez menos a lei que estrutura o gozo. A lei de ferro do mercado impõe cada vez mais um outro modo de estruturação do gozo que não passa pela função do pai*”.⁷³ Assim na nossa época é o discurso capitalista que funciona como ordenador de sentido, suas mensagens passam pela via de um adestramento dos costumes em direção ao consumo. Como diz Mandil: “*A cultura já não se ordena mais a partir dos ideais. Estes não estão mais no lugar de causa do desejo. Nesse lugar se instalou o ganho de gozo, ratificado pela chuva de objetos que caem sobre nossas cabeças, tornados acessíveis pelos mais diversos caminhos*”.⁷⁴

O mundo como nunca antes visto, globaliza-se e perde as suas fronteiras numa espécie de um esgarçamento dos limites, que não obstante vem carregado por “um a mais”, enunciado de maneira imperativa por uma mídia-marketing, nova ditadura de produtos e modos de consumo, vociferação emblemática do discurso capitalista. O acesso ou o veto a esses produtos assim engendrados gera lugares sócio-econômicos para os sujeitos na cidade moderna. A relação dos sujeitos com os produtos é consoante com as formas discursivas em voga em cada época. Assistimos a uma apoteose do consumo e a aquisição de produtos é entendida como condição necessária no atual arranjo subjetivo dos homens na cultura, garantindo um lugar privilegiado no *establishment* moderno.

Uma parafernália tecnológica é forjada pelos avanços da ciência e se insere no nosso cotidiano. O uso de seus recursos torna-se rotineiro servindo como indicativo de qualidade de vida. Uma enormidade de produtos é oferecida aos homens e esses são vendidos como passíveis de produzir satisfação. A posse e o uso de determinados produtos produz uma ancoragem em um topos social. É na medida em que um sujeito pode usufruir alguns produtos que lhe é garantido status social, que surge na forma de reconhecimento

⁷² BENTES, L. *De que padece o sujeito?* In www.cetta.psc.br/main-noticias2.cfm - Acesso em 21.11.2006 22:15 hs.

⁷³ BENTES, L. Op. cit. p. 1.

pelo Outro. É um Outro que nomeia e produz reconhecimento pela palavra. ‘Eu sou’, é uma nomeação que o sujeito recebe do Outro. Miller nos aponta:

Do lado do Outro, é o acolhimento, o registro, a avaliação do sentido subjetivo que culmina no reconhecimento. Se Lacan se liga, desta forma, ao tema do reconhecimento, a ponto de fazer do desejo de reconhecimento o desejo mais profundo do sujeito, é na medida que, esse reconhecimento implica uma satisfação da ordem da comunicação.⁷⁵

Na atualidade este enunciado ‘eu sou’, encontra-se fortemente identificado com o produto que o sujeito pode consumir. E o sujeito hoje de certa maneira, é reconhecido na marca que consome, tomando forma no seguinte enunciado: ‘eu tenho, eu sou’.

Miller contudo, alerta-nos sobre os efeitos da presença desses miúdos objetos pequenos *a*, que se amplificam para além dos objetos naturais, estendendo-se a todos os objetos da indústria, da cultura, da sublimação. É o que Lacan vai chamar de “pequenas fatias de gozo”, *“Tudo que nos é permitido gozar o é por pedacinhos... Vemos nosso mundo cultural se inundar dos substitutos do gozo que são os nadicas de nada. São essas pequenas fatias de gozo que conferem seu estilo próprio ao nosso modo de vida e ao nosso modo-de-gozar”*.⁷⁶

O sujeito dessa forma onde se pensa gozador é gozado. Apesar de todo o seu esforço para obter o maior número de objetos possíveis que um eventual sucesso possa lhe garantir, ele não colhe senão fragmentos de satisfação, fugaz contraste na rotina entre o de agora e o próximo. Ele só vai gozar por essas pequenas fatias. E mais do que senhor de uma situação, ele parece ser dela escravo. O efeito disso é o que retorna como insatisfação insolúvel. Uma repetição conduz o sujeito à sensação de que ele acaba por voltar sempre ao mesmo lugar. Algo transborda como impossível de localizar, e isto se deve ao fato de que os objetos não conseguem tamponar o que é uma falta estrutural.

⁷⁴ MANDIL, R. Editorial da Agenda EBP – Minas Gerais: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental, agosto, 2003. p. 3.

⁷⁵ MILLER, J. A. *Os seis paradigmas do gozo*. Orientação Lacaniana. Texto extraído de La Cause Freudienne, Nº 43. Tradução Simone Souto, Yolanda Vilela, Samyra Assad, 1999. p. 88.

Na contemporaneidade uma proliferação de produtos passa a ser utilizada com vistas a oferecer algum tratamento ao mal estar. Entretanto essa busca pelos objetos, por esses *gadgets* supostamente capazes de produzir alívio, está fadada ao insucesso. A observação feita por Freud, em “*O mal estar na civilização*” (1929), sobre a intoxicação química como um método de tratamento contra o sofrimento permanece nesse sentido absolutamente atual. Nos nossos dias porém, não é apenas a droga que se oferece a esse propósito, ela é apenas mais um entre infinitos produtos.

2.3. Droga, entre a ilegalidade, a economia e um utilitarismo às avessas

Como vimos para a Psicanálise de orientação lacaniana, a droga adquire o enquadramento de um produto da ciência, mais um *gadget* entre tantos outros, que produz por seu turno “novos sintomas” em uma nova época. Mesmo que os apontamentos da psicanálise possam nos oferecer valor para compreensão acerca da utilização da droga, quando levam em conta sua importância na economia psíquica do sujeito, isso não quer dizer que a questão do uso abusivo da droga e do álcool receba exatamente um bom aporte social. É um fenômeno que antes de receber estatuto clínico foi pensado no âmbito jurídico ou moral. E foi essa ótica normativa, jurídica que norteou sobremaneira as considerações sobre o tema.

Do ponto de vista das relações sociais, o paradigma que orienta o que Rubio chama de a “lógica da toxicomania”⁷⁶ é a supressão do consumo. Se o produto é tóxico, que ele seja suprimido, pode-se dizer. Essa ação é orientada por um mandamento: “Não às drogas” que é a pedra angular, o significante mestre por excelência desta lógica. Sob essa ótica pretende-se chegar à supressão do sintoma, declarando-se guerra contra a droga. No mundo das terapêuticas essa injunção aparece como o ideal da abstinência que dirige os tratamentos. Por outro lado no plano legal, jurídico, esse ordenamento aparece sob o modo

⁷⁶ MILLER J. A. *Os seis paradigmas do gozo. Os seis paradigmas do gozo.* Opção Lacaniana. Nº 26-27, abril, 2000. p. 100.

da repressão. O produto é colocado na ilegalidade sendo proibido seu consumo. Como já salientamos, é uma palavra do Outro nomeando os sujeitos e “*com efeito, ‘ser toxicômano’ é uma qualificação do Outro da lei. É uma definição médico-legal*”.⁷⁸

Os fatos demonstram contudo que a proibição não funciona muito bem. Lacan no seminário “*A ética da psicanálise*”, diz que a proibição designa o objeto de gozo e por isto mesmo sustenta o desejo. Somos assim rapidamente conduzidos a perceber que não há nenhuma proibição sobre o que ninguém quer, o ordenamento ‘*Não mentirás*’ produz o desejo de mentir, “*nesse ‘Não mentirás’ como lei, está incluída a possibilidade da mentira como desejo mais fundamental*”.⁷⁹ É o que podemos constatar. A proibição do consumo de estupefacientes não apenas fracassa no seu propósito de acabar com a droga, como também não inibe seu consumo nem seus efeitos deletérios. Para Rubio provoca um retorno acrescido da pulsão de morte, a obstinação da luta contra as drogas produz o que chamamos “os efeitos perversos da proibição”: a elevação do preço dos produtos, um aumento espetacular de consumidores, do tráfico, da criminalidade, etc.⁸⁰

Apesar de toda a orientação contrária que é dedicada à droga pelos órgãos públicos pode-se constatar, sem grandes dificuldades, que ela é um produto sempre disponível. Mesmo com todos estes cerceamentos normativos acerca de uma legislação que conduz a relação do sujeito com o tóxico, sabemos que a droga como um produto permanece do ponto de vista da economia, um líder de mercado. E isso ocorre a despeito de todas as ações policiais ou ditames jurídicos. Assim, podemos concluir que, se é a lei que faz o pecado não é a proibição que produz a abstinência.

Laurent, em “*Tres observaciones sobre la toxicomania*” faz algumas observações acerca da economia de mercado e da política antidrogas. O autor destaca artigos feitos na publicação conservadora “*The Economist*”, que aponta como muito razoáveis. Laurent

⁷⁷ RUBIO, G. www.champlacanien.france.net – Fórum psychanalytique de Bruxelles – Forums du champ lacanien , journée du 11 juillet 1999. Versions du symptôme. Le toxicomane : un homme de parole. Acesso em 11.07.06. 09:20 hs.

⁷⁸ Texto coletivo da equipe do I.R.S. de Reims in www.toxibase.org/Pdf/Revue/dossier_cliniquepsychanalytique - 1993.pdf.

⁷⁹ LACAN, J. *O seminário* – Livro 7 – A ética da psicanálise. Tradução Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 104.

⁸⁰ RUBIO, G. Op. cit. p. 2.

ressalta que os redatores, fiéis aos seus princípios por seu liberalismo econômico, advogam fortemente pela legislação da droga. Se o tóxico é ilícito, sua comercialização é uma contravenção. Assim, ele não é passível de uma regulamentação pela economia de mercado. O princípio é de que o tóxico seja identificado absolutamente pelas leis de mercado e que se possa negociar agora segundo estas leis. A droga deveria ser legalizada para que não rendesse mais nada a ninguém.⁸¹ Essa posição é igualmente defendida por Gary Becker, professor de Economia da Universidade de Chicago, prêmio Nobel de economia no ano de 1992.

Maria Lúcia Karam comenta sobre a conjunção de aspectos legais e econômicos no contexto da proibição da droga e faz um comentário bastante crítico sobre o assunto:

Mas, acaso se esgotasse apenas na ineficácia, talvez não fosse tão grave a irracionalidade da criminalização. Despejando-se sobre os consumidores, que, além de atingidos pelos maiores riscos à saúde, sofrem a superexploração decorrente dos preços artificialmente elevados, a, freqüentemente, levá-los a se empregar no tráfico ou a adotar a prática de outros comportamentos ilícitos para obter a droga, os altos custos sociais da criminalização se espraiam pelo conjunto das sociedades que, sem perceber a irracionalidade de suas reivindicações, clamam pela solução penal – na realidade, a própria criadora dos problemas que, enganosamente, anuncia resolver.⁸²

Dessa forma os ordenamentos jurídicos ou as leis de mercado, ainda que pudessem ser pensados na mais concreta racionalidade, parecem permanecer insuficientes para dar condução a algum encaminhamento realmente efetivo no que diz respeito à droga e o uso toxicomaniaco. Questões outras de natureza muito diversa se imiscuem no trato da toxicomania e do alcoolismo enquanto fenômenos clínicos.

A equipe do IRS (*Institut de Recherches Spécialisées*) chama logo a atenção para outro ângulo que assombra por ser tão evidente: “a droga se define por sua função. Com

⁸¹ LAURENT, E. – *Tres observaciones sobre la toxicomania in Sujeto, goce y modernidad* – Fundamentos de la clínica. Instituto del Campo Freudiano. Atuel-Tya. Publicado na Revista Quarto. Nº. 42. p. 15.

⁸² KARAM, M. L. – Legislação Brasileira sobre Drogas: História recente – A criminalização da diferença. in ACSELRAD, G. *Avessos do prazer – drogas, aids e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. p 159

efeito, como não se dar conta que se a droga alcança sucesso é para dizer trivialmente, que ela é útil?”⁸³ Surge como um dos produtos que o sujeito pode gozar.

Lacan no seminário “*Mais ainda*”, nos dá algumas pistas sobre o gozo do ponto de vista do Direito. Ele diz que a relação entre o direito e o gozo se dá pelo usufruto. Até um certo ponto sua visada está em conformidade sobre o que o direito diz sobre o gozo:

Gozo é o elemento substancial considerado do ponto de vista do exercício do direito, é, por excelência, sua expressão subjetiva: “gozar, tal é o objeto próprio do direito: reivindicar um direito não é outra coisa senão o meio de chegar a poder gozar dele(...)O que jamais pode faltar ao direito é gozo. Gozar de um direito sem dispor dele pode conceber-se; dispor dele sem gozar, é impossível”.⁸⁴

Ao toxicômano se atribui uma relação com o gozo mas não parece ser nessa acepção jurídica do termo.

Lacan pode nos auxiliar no seu comentário do Seminário XX, pois ele vai um pouco além para circunscrever o gozo. O usufruto diz respeito ao gozo, mas para o psicanalista, há uma diferença entre o gozo e o útil. O útil serve como um meio. “*O usufruto quer dizer que podemos gozar de nossos meios, mas que não devemos enxovalhá-los. Quando temos usufruto de uma herança, podemos gozar dela, com a condição de não gastá-la demais*”.⁸⁵ Em seguida, nos dá a dimensão do gozo: “*O gozo é aquilo que não serve para nada*”.⁸⁶ E nos entrega, logo depois esta pérola que tem importância para esta dissertação: “*O direito não é o dever. Nada força ninguém a gozar, senão o supereu. O supereu é o imperativo de gozo – Goza!*”.⁸⁷

⁸³ Texto coletivo da equipe do I.R.S. de Reims in www.toxibase.org/Pdf/Revue/dossier_cliniquepsychanalytique - 1993.pdf.

⁸⁴ MATA-MACHADO, E. G. *Elementos de Teoria Geral do Direito*. Belo Horizonte: Editora Vega, 1972. p. 272.

⁸⁵ LACAN, J. *O seminário: Livro 20 – Mais ainda*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; versão brasileira de M.D. Magno. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 11.

⁸⁶ LACAN, J. Op. cit. 11.

⁸⁷ LACAN, J. Op. cit p. 11.

Assim, gozar porque se quer ou gozar porque se é obrigado parece produzir toda a diferença. De acordo com Bentes, “há uma diferença entre o direito ao gozo e a obrigação ao gozo, que é próprio do supereu, no âmbito do qual a agressividade é reduplicada”.⁸⁸

Se na toxicomania se atribui uma relação com o gozo, talvez devamos perguntar que tipo de gozo se encontra em questão, quem ou o que goza?

2.4. A regulação social do gozo e o toxicômano como sujeito que não quer saber

São pelos ordenamentos sociais que se organizam as formas de gozo que universalizam possibilidades e limitações para cada sujeito em seu agrupamento. Entendamos os ordenamentos sociais como os ditames que conformam, moldam o enquadramento aos sujeitos na *polis*, nós os colheremos através das leis, dos costumes e das tradições. Esses ordenamentos pressupõem que o sujeito se submeta a eles. Funcionam como o que regula os sujeitos através de restrições e limitações que ao serem cumpridas, permitem a quem as executou uma forma de enquadramento.

Para a Psicanálise o conhecimento da lei ocorrerá como experiência ordinária na vivência do complexo de Édipo. Como diz Miller, “A história de Édipo conta a maneira como havia um gozo primário que foi perdido pela operação do Nome-do-Pai, e que produzia somente a significação fálica”.⁸⁹ Do Édipo fica uma lei, a qual o sujeito restará submetido. A ameaça de uma castração imaginária produz como efeito simbólico a inscrição de um sujeito na partilha dos sexos que implica em sua inscrição sob o significante do falo. De certa forma, o sujeito submetido à égide da função fálica depara-se com perdas necessárias e constitutivas de sua posição subjetiva. Freud remarca que o

⁸⁸ RINALDI, D. apud BENTES, L. *A crise da ética: a crise do pai*. In <http://www.cetta.psc.br>. Acesso em 21/11/06. 14:15 hs.

⁸⁹ MILLER, J. A. *Patologia da ética – Lacan elucidado: Palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1997. p. 369.

sujeito deve pelo viés da educação e das exigências da civilização, renunciar a satisfazer as reivindicações pulsionais para se socializar. O Édipo como lei internalizada é a notícia que um recalque se efetuou. “*O sujeito recalca o que é da ordem de seu gozo que retornará depois se manifestando de maneira mais corrente deslocada – é o sintoma – ou talvez sublimado e são os investimentos sociais*”.⁹⁰

A Psicanálise esclarece-nos que os sujeitos inscritos na função fálica são portadores de uma perda primordial de gozo. “*O sujeito é resultado de uma perda, a qual é estrutural e estruturante*”.⁹¹ Mas o toxicômano é visto no imaginário social como um sujeito que não se curva muito bem a isso. Por usar uma via de tratamento que pretere do Outro o toxicômano é considerado um sujeito que não se submete aos interditos, sendo inscrito em um mais-de-gozar absoluto.

Freda e colaboradores que compõe a equipe do IRS (*Institut de Recherches Spécialisées*) em Reims, localizam que na toxicomania “*não tudo do gozo é colocado sob a dimensão fálica*”⁹², esta linha de argumento nos conduz a percepção do toxicômano como um demissionário do falo, e também aponta algo sobre a questão do gozo na toxicomania. Devemos estar atentos ao fato de que: “*O gozo fálico é o que se sustenta nas relações de poder, de competição social e nas relações de trabalho, que envolvem dinheiro, produção e poder. O toxicômano é aquele que se recusa a participar dessas relações, colocando-se à margem delas*”.⁹³

A toxicomania é alardeada como um problema social. No imaginário social é visto como um ser degenerado entregue a voracidades. Talvez se possa pensar que isto ocorre face a essa espécie de casamento do sujeito com a droga e o subsequente rompimento das relações sociais. Tendo seu ato nomeado pelo Outro, o toxicômano é considerado um sujeito equivocadamente persistente que se caracteriza por uma adesividade viscosa na

⁹⁰ Texto coletivo da equipe do I.R.S. de Reims in www.toxibase.org/Pdf/Revue/dossier_cliniquepsychanalytique - 1993.pdf.

⁹¹ BENTES, L. *De que padece o sujeito?* In www.cetta.psc.br/main-noticias2.cfm Acesso em 21.11.2006 22:15 hs.

⁹² Texto coletivo da equipe do I.R.S. de Reims in www.toxibase.org/Pdf/Revue/dossier_cliniquepsychanalytique - 1993.pdf.

⁹³ LEMOS, I. *O gozo cínico do toxicômano* – Mental: Revista de saúde mental e subjetividade da UNIPAC. V.2, Nº 3, Novembro 2004 – Barbacena MG. p. 53.

relação com o objeto. É a sedação pelo uso de um produto que funciona como forma de tratamento ao mal estar, tornando esta talvez a característica primordial deste sujeito. Não podemos deixar escapar que de certa forma, este tipo de ação vem em consonância com o pensamento hegemônico na modernidade que apregoa toda a medicalização da dor. Na relação do toxicômano com a droga porém, essa automedicação comporta um para além não sem efeitos diversos. O suposto tratamento procurado na droga faz com que ele se torne ameaça à ordem social de vez que se verifica um vínculo exclusivo que não obstante ainda ocorre na forma de uma desmedida. As drogas atuam como uma nova forma de responder ao sofrimento e o toxicômano surge como aquele que não se submete a nenhum interdito: – ele não quer saber. Foge das formas homogêneas de gozo impostas pela ordem social.

Assim, surge o toxicômano como um indivíduo identificado ao gozo. Nesse sentido a toxicomania aparece como um paradigma do sujeito moderno, um sujeito submetido, empurrado ao consumo e identificado a um objeto mais de gozar produzido pela indústria. Então tal modo de gozo, diferente dos modos admitidos pelo discurso dominante, faz com que o fenômeno de consumo de drogas se torne sintomático e insuportável pelo Outro social. A toxicomania aparece como um fato social designado logo à primeira vista como sintoma da civilização, como sintoma do Outro, pois de fato do lado do sujeito, a droga é sobretudo uma solução.

2.5. O Édipo e a submissão fálica, a droga e a ruptura do casamento com o faz-pipi

Sabemos que é na dialética edipiana que se arregimenta toda a questão da estruturação psíquica do sujeito, e é neste tempo que a questão da função fálica toma vulto. A acomodação ao gozo fálico é um dos desfechos possíveis do Édipo.

O agente paterno na acepção de representante da lei é referenciado como aquele que detém o falo, apresentando ao sujeito a dimensão da lei e do desejo. O pai surge como um terceiro na relação mãe-criança e produz a dimensão de um para-além do desejo

caprichoso da mãe. A referência ao pai permite a introdução do sujeito no campo do simbólico e da lei. A posição do sujeito com referência ao significante fálico decorre da maneira como os elementos relativos ao romance familiar, pertinentes ao complexo de Édipo, foram experimentados por cada sujeito na trajetória de sua constituição.

A referência ao significante fálico, orquestrada por uma lógica de presença e ausência, introduz para os sujeitos a interdição do incesto pela ameaça da castração. É no Édipo que se apresenta para cada ser falante uma lei que o introduzirá no registro simbólico. A inscrição do Nome-do-Pai vai mostrar como funcionou a metáfora paterna, como a mãe anunciou a palavra do Pai. A metáfora paterna concerne à função do pai, ao pai enquanto representante de uma lei simbólica. A dialética edipiana é a experiência que estruturalmente introduz o sujeito no campo do simbólico, no campo do Outro. A metáfora paterna, no primeiro ensino de Lacan, é o que produzirá a amarração entre o real, o imaginário e o simbólico. O que o sujeito experimentará como frustração no real, interdição no imaginário, funcionará como lei simbólica. O Pai une o desejo à lei porque ele é o agente de uma interdição. Lacan trabalhou no seminário “*A relação de objeto*”, a problemática relativa à triangulação edípica e apontou em suas conclusões que “*o verdadeiro objetivo do Édipo, que é a justa situação do sujeito com referência à função do pai, isto é, que ele próprio ascenda um dia a essa posição tão problemática e paradoxal de ser um pai*”.⁹⁴

Dessa forma no desfecho do Édipo encontraremos um sujeito referenciado em uma posição sexual. Dessa operação resta um sujeito submetido à função fálica como ordenadora de sua posição subjetiva na questão relativa à partilha dos sexos, e a maneira como o mesmo é convocado a responder por tal posição. Podemos fazer uma leitura da acomodação fálica, levando-a ao pé da letra, e assim pensá-la como a assunção pelo sujeito do casamento que deve contrair com seu próprio sexo. Um sujeito que está casado com seu sexo está referenciado a uma posição sexual. Isso tem toda a sorte de implicações no que diz respeito ao laço social, refletindo-se estruturalmente nas representações sociais. É o significante fálico que circunscreve um gozo fálico, tal circunscrição funciona como uma ordenação para os seres falantes na articulação dialética de sua estrutura e na sua posição sexuada. Podemos assim concluir que a acomodação ao significante fálico produz um

⁹⁴ LACAN, J. *O seminário*, Livro 4: A relação de objeto. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 208.

posicionamento, um verdadeiro arranjo subjetivo para os sujeitos que foram normatizados pelo Édipo.

Perceber como se opera essa acomodação fálica pode ser importante para compreender a questão da toxicomania, de acordo com um parecer que Lacan emite sobre o tema. É “*um rompimento do casamento com o pequeno-pipi*”, que seria o que tipifica a toxicomania para Lacan. É essa opinião que conduz a idéia de uma ruptura relativa à acomodação fálica. A formulação foi feita por Lacan na Jornada de Encerramento de Estudos de Cartéis da Escola Freudiana em 13 de abril de 1975, e permaneceu como um paradigma no horizonte das considerações teóricas acerca da clínica das toxicomanias.

Nessa Jornada, ele fazia um comentário sobre a angústia no caso do pequeno Hans, localizando o seu desencadeamento no momento em que o sujeito percebia que estava casado com seu *faz-pipi* (*wiwimacher*). A angústia surgia no momento em que o sujeito percebia que seu sexo estava enraizado nele. O argumento é o seguinte: “*é porque eu falei do casamento que eu falo disso; tudo o que permite escapar a este casamento é evidentemente bem-vindo, daí o sucesso da droga, por exemplo; não existe outra definição da droga que esta: é o que permite romper o casamento com o pequeno-pipi*”.⁹⁵

Em “*Clinique Psychanalytique et Toxicomanie*”, a equipe do IRS de Reims, seguindo o fio do raciocínio de Lacan diz que a fobia surge diante do embaraço ligado ao casamento com o faz-pipi, e que a droga pode funcionar exatamente como o que produz uma ruptura neste casamento. Os autores sustentam que é neste mesmo ponto de embaraço e de angústia que a saída pela droga se torna bem vinda, ela pode ser um meio de separação desejável, diante do embaraço causado por um casamento com um gozo estrangeiro, que é fonte de angústia. O uso do tóxico pode surgir como uma saída singular decorrente de um reencontro que se faz com um gozo. Para os autores a droga pode ser uma grande saída quando o que representa o falo é concebido como embaraço, quando ele parece um gozo estrangeiro ao sujeito.⁹⁶

⁹⁵ LACAN, J. *Journees D'etude des cartels de l'École freudienne de Paris*. Maison de la chimie, Paris. Lettre de l'École freudienne, 1976, n° 18, p. 6.

⁹⁶ Texto coletivo da equipe do I.R.S. de Reims in www.toxibase.org/Pdf/Revue/dossier_cliniquepsychanalytique - 1993.pdf.

O casamento com o pequeno pipi para ser suportável implica sua investidura pelo falo para dar razão ao gozo estrangeiro que se manifesta. É de uma “*d’homesticação*”⁹⁷ que se trata quando o sujeito se submete à organização fálica.

Essa submissão ao significante fálico na verdade, produz a circunscrição do sujeito no campo da lei e do desejo, ao mesmo tempo em que faz furo no campo do gozo, onde imperava a lei caprichosa da mãe. Há uma lei que regula para além da lei da mãe. Aí o falo se apresenta no horizonte como o que falta à mulher, constituindo-se como o objeto de desejo da mãe. O falo na dialética edipiana permanece como eixo em torno do qual gira a questão da falta. A ameaça da castração faz o menino encerrar o conflito edipiano pelo receio de sofrer alguma mutilação ou risco no órgão para o qual se volta todo o seu interesse narcísico. Para a menina, deparar-se com a ausência do falo, leva-a a inveja do pênis (*Penisneid*), e entra em curso um deslizamento que enceta para a entrada de um bebê como um substituto do falo que lhe falta.

O significante fálico para os dois sexos funciona como elemento simbólico que aponta para a falta e para a lei no campo do Outro. O falo funciona como o que interdita o sujeito de se colocar a serviço sexual para a mãe. Podemos dizer que o falo é o produto da castração. Lacan fala da necessidade da assunção da castração por parte do sujeito⁹⁸, apontando que por intermédio da castração é que efetivamente se cria a falta pela qual se institui o desejo, “*O desejo é desejo de desejo, desejo do Outro, como dissemos, ou seja, submetido à Lei*”.⁹⁹ O falo como simbólico enuncia uma lei e isto não é sem conseqüências para os sujeitos. Submeter-se ou não à lei tem um peso estrutural.

A assunção da castração efetivamente cria a falta pela qual se institui o desejo. “*O falo é um significante que engendra um efeito de significação, que ‘significantisa’ um pouco de gozo*”.¹⁰⁰

⁹⁷ Texto coletivo da equipe do I.R.S. de Reims in www.toxibase.org/Pdf/Revue/dossier_cliniquepsychanalytique - 1993.pdf.

⁹⁸ Texto coletivo da equipe do I.R.S. de Reims in www.toxibase.org/Pdf/Revue/dossier_cliniquepsychanalytique - 1993.pdf.

⁹⁹ LACAN, J. *Do Trieb de Freud e do desejo do analista* – Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 852.

¹⁰⁰ texto coletivo da equipe do I.R.S. de Reims in www.toxibase.org/Pdf/Revue/dossier_cliniquepsychanalytique - 1993.pdf

É preciso que algo permita ao sujeito escapar da lei caprichosa da mãe, pois como diz Lacan, ela permanece sempre insaciável e insatisfeita, “*ela está ali e, como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar, quaerens quem devoret. O que a criança encontrou outrora para anular sua insaciedade simbólica, vai reencontrar possivelmente diante de si como uma boca escancarada*”.¹⁰¹

Lacan diz que “*é graças ao Nome-do-Pai que o homem não permanece preso ao serviço sexual da mãe*”.¹⁰² É a assunção da castração, a submissão ao significante fálico, que retira o sujeito do serviço sexual da mãe, da bocarra do desejo da mãe. Lacan na sua primeira clínica destaca toda a importância do falo como balizador na relação com o engendramento mesmo do desejo. Ele diz sobre esse efeito regulador, chamemos as coisas pelo seu nome, de circunscrição e limite ao gozo que permite o significante fálico:

O desejo da mãe não é algo que se possa suportar assim, que lhe seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que pode lhe dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso. Então, tentei explicar que havia algo de tranquilizador. Digo-lhes coisas simples, estou improvisando, devo dizer. Há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama falo, é o rolo que se põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha.¹⁰³

O significante fálico como já dissemos, submete o sujeito a um gozo fálico, tem efeitos de regulação de gozo. De acordo com Lacan, na droga surge a dimensão de um rompimento do matrimônio com o gozo fálico.

Como diz a equipe do IRS, “*A droga é resposta que quer que não haja mais questão*”.¹⁰⁴ Ela se apresenta sobretudo como formação de uma ruptura, diferentemente do

¹⁰¹ LACAN, J. *O seminário*, Livro 4: A relação de objeto. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 199.

¹⁰² LACAN, J. *Do trieb de Freud e do desejo do psicanalista* – Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 866.

¹⁰³ LACAN, J. *O seminário*, Livro 17: O avesso da psicanálise, 1969-1970. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Versão brasileira de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. p. 105.

¹⁰⁴ Texto coletivo da equipe do I.R.S. de Reims in op. cit.

sintoma clássico como formação de compromisso. E traz uma característica muito interessante conforme observa Lenita Bentes:

Enquanto formação de ruptura, do matrimônio do corpo com o *wiwimacher*, apresenta-se a possibilidade de um gozo não regulado pela medida fálica e aberto ao auto-erotismo, o que nos permite não confundir as toxicomanias com a perversão. Defrontamo-nos de entrada não com um sintoma, mas com uma modalidade de gozo que, ainda que implique um fora do falo, não necessariamente implica uma psicose.¹⁰⁵

Esse afastamento, espécie de divórcio do toxicômano em relação à insígnia fálica coloca-o como insubmisso do serviço sexual. Para o toxicômano, a droga permite evitar o mal estar do encontro com o Outro sexo. A droga é uma solução à angústia do desejo do Outro e do encontro com o Outro sexo.

Mas quais seriam as conseqüências dessa insubmissão? A droga como solução funciona ou a solução da droga é um insucesso? Parece que lá onde ela é bem sucedida, ela fracassa.

Talvez possamos formular algo como o que se segue: no desfecho do Édipo resta um sujeito asujeitado a uma posição sexual, e às formas do ideal do Eu que se esboçam no horizonte como conclusão do romance familiar. Pode a toxicomania ser pensada como uma recusa relacionada à incidência da significação fálica ou de algumas prerrogativas que tal pacto comporta? O toxicômano denuncia com seu sintoma o desconforto que lhe causa ser referendado no laço social e numa posição sexual? Quais seriam realmente os efeitos que essa tentativa de ruptura com o gozo fálico acabam por produzir?

Ficamos com a impressão que esta forma de insubmissão ao serviço sexual, este artifício para marcar com o zero a inscrição do Nome-do-Pai acaba por produzir uma espécie de formação reativa. Uma observação feita por Alvarenga parece fomentar um

¹⁰⁵ BENTES, L. *A clínica do excesso*. In www.cetta.psc.br/main-noticias2.cfm Acesso em 21.11.2006 22:15 hs.

ponto para articulação: “nas patologias contemporâneas, a eficácia do Nome-do-Pai é inversamente proporcional à severidade do Supereu”.¹⁰⁶

Surge então o que apontamos como um paradoxo que é precioso nessa questão. Essa tentativa de ruptura, de insubmissão ao serviço sexual, artimanha para zerar a função fálica, traz como retorno uma injunção supereu-óica. Não assistiremos necessariamente a ocorrência de uma psicose, como bem localizou Lenita Bentes, mas mesmo assim não é sem efeito a inoperância do Nome-do-Pai. O toxicômano experimenta sobretudo uma aproximação com um gozo que se apresenta sob seu aspecto mais mortífero. O toxicômano, como sujeito que não se arvora a responder pelo seu desejo, acaba por se ressentir do efeito colateral de um gozo que não conhece a lei. Ele parece ignorar os efeitos da lei simbólica do Pai e sofrer justamente do que retorna como lei sem sentido. Dessa forma tem toda importância um exame mais detalhado do supereu, para se verificar as suas incidências, a partir de algumas indicações que nos forneceram Freud e Lacan. Lançaremos mão também da máxima de Ernest Simmel “o supereu alcoólico é solúvel em álcool” (1947) na expectativa de verificar qual a pertinência deste enunciado. O que se pode verificar nas relações entre o supereu e o álcool?

Para irmos adiante, não podemos nos esquecer que o supereu guarda os vestígios do isso de onde se engendrou, bem como guarda em suas identificações resíduos sonoros, vozes arquejantes que vociferam: – ‘Goza’!



¹⁰⁶ ALVARENGA, E. *Do gozo do pai à melancolia in Papers del CA* – Nova Época, Nº 11, Novembro 2005 in www.wapol.org/pt/buscadador/template.asp

CAPÍTULO 3 – AS RELAÇÕES DO SUPEREU

3.1. O Supereu solúvel em álcool de Ernest Simmel

Para seguirmos é necessário apreciar uma máxima que tem toda pertinência para esta dissertação: “*O supereu alcóolico é solúvel em álcool*”¹⁰⁷, que foi formulada por Ernest Simmel (1882/1947) em 1947, no artigo “*Alcoholism and Addiction*”. Devido ao falecimento do autor, o artigo ficou inacabado, mas mesmo assim foi publicado no Volume 17 da *Psychoanalytic Quartely* no ano seguinte ao de sua morte.

Simmel foi um psicanalista que pode ser considerado pioneiro pois teve algumas iniciativas nesse sentido. Enquanto trabalhou em um hospital militar por ocasião da Primeira Guerra aplicou os postulados psicanalíticos no tratamento dos soldados e fez ainda estudos sobre as neuroses de guerra. Deve-se a ele a criação do primeiro sanatório psicanalítico, fundado em 1926, o Schloss Tegel. Simmel contava com o apoio de Freud que via de bom com bons olhos a expansão da Psicanálise e de suas aplicações. Na clínica Tegel ocorreram alguns ensaios inaugurais de Psicanálise aplicada dentro de uma instituição no tratamento de toxicomanias, psicoses e neuroses graves.

Simmel escreveu sobre assuntos diferentes indo desde artigos puramente teóricos até novas possibilidades de aplicação para o tratamento psicanalítico. Falou sobre o uso da Psicanálise em neuroses de guerra, sobre tratamento em sanatório, teorizou ainda sobre alcoolismo e toxicomanias, doenças orgânicas e fenômenos sociais em geral.¹⁰⁸

Quando teorizou sobre o alcoolismo o autor baseou-se na linha evolucionista da libido, e pautou suas impressões na hipótese de que o alcoolismo e a toxicomania deveriam ser pensados no âmbito das relações de objeto. Tinha a opinião que era corrente na época entre o meio psicanalítico (Karl Abraham, Sandor Ferenczi, Sandor Rado e Edward

¹⁰⁷ SIMMEL, E. *Alcoholism and Addiction* – *Psychoanalytic Quartely*. Vol. 17, 1948. p. 13.

¹⁰⁸ ALEXANDER, F., EINSENSTEIN, S., GROTTJAHN, M. *A história da Psicanálise através de seus pioneiros*. Vol. II. Coleção Psicologia Psicanalítica. Direção Jayme Salomão. Imago Editora. Rio de Janeiro, 1981. p. 419.

Glover) de que esses fenômenos compreendiam uma regressão da libido e destacou as posições pré-genitais em sua etiologia. Simmel considerava essas manifestações como um distúrbio de tipo narcísico. O tipo de neurose narcísica do qual o toxicômano é acometido deve ser diferenciado de uma psicose de vez que na manifestação da toxicomania são mantidos laços com mecanismos obsessivos.¹⁰⁹

Para esse autor no começo da doença encontra-se freqüentemente uma neurose dominada por mecanismos obsessivos provenientes do supereu, ele “*associa, por exemplo, o alcoolismo ao ritual obsessivo e à masturbação e postula que o desejo de se drogar, muitas vezes, só reproduz o conflito ligado à masturbação, como ocorre na neurose obsessiva*”.¹¹⁰

Para Simmel, o alcoolista quando está sóbrio é atormentado por sentimentos de culpa assim como o melancólico, porém tenta arrefecer estes sentimentos pelo uso do álcool e produz uma mania artificial como uma defesa contra a melancolia. O autor entende que “*no alcoolismo crônico, a ação desses mecanismos próprios do Supereu está ligada, antes de tudo, à conjuntura melancólica que precede a mania alcoólica*”.¹¹¹ Simmel assim argumenta:

A vítima da melancolia embriaga o guardião, o supereu, com o veneno. Assim elimina os objetos no eu. Aparentemente nesse estado de mania ele se torna condescendente ao veneno. Como o supereu está paralisado pela toxina (temporariamente castrado) cessam as demandas. Ele se torna incapaz de mediar seus interesses de auto-preservação, entre a realidade externa e interna.¹¹²

Se no princípio a droga se configura como uma via de tratamento ao eu em seus conflitos com o isso, contra a realidade e mesmo o sentimento de culpa, mais adiante o

¹⁰⁹ SIMMEL, E. *Psycho-analytic treatment in a sanatorium*. International Journal of Psycho-Analysis. London: Wm Dawson & Sons Ltda., 1929. p. 84.

¹¹⁰ SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano; uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 129.

¹¹¹ SANTIAGO, J. Op. cit. p. 129.

¹¹² SIMMEL, E. Op. cit. p. 84.

álcool se instalará no lugar dos objetos para os quais a agressividade estava dirigida e o eu sofrerá a ação destrutiva do supereu.¹¹³

Em “*A droga do toxicômano*”, Santiago destaca que surge um elemento inovador na leitura sobre o fenômeno da toxicomania a partir das elaborações de Simmel: “*a idéia de que o sujeito que adere ao consumo excessivo de álcool, quase sempre, carrega consigo as conseqüências devastadoras de um supereu severo e exigente*”.¹¹⁴

Para Simmel, o eu do alcoolista crônico regride como uma estratégia defensiva para as fases pré-genitais e assim sendo:

A euforia alcoólica como uma sexualidade desgenitalizada constitui o grande triunfo na economia psíquica do neurótico. Esta é a transformação bem sucedida das experiências dolorosas que acompanhavam a masturbação infantil (medo da castração, sentimentos ansiosos de culpa) em prazerosos sentimentos com os quais restabelece as sensações orgásticas negadas na infância.¹¹⁵

Assim pensando o uso da droga ancorado na linha evolucionista da libido que orienta a relação com os objetos, a droga revelaria os efeitos de uma fixação pré-genital, na qual as satisfações substitutivas derivadas de seu uso serviriam de suporte a um prazer não genitalizado.

A relação que o alcoolista estabelece com seu produto revela uma via que se torna privilegiada na economia psíquica do sujeito, denunciando o enlace feliz do bebedor com o copo, tal como Freud havia pensado. Essa relação rompe com série de objetos substitutivos que deveriam constituir a trajetória habitual de um sujeito na sua relação com seus objetos.

¹¹³ SIMMEL, E. *Psycho-analytic treatment in a sanatorium*. International Journal of Psycho-Analysis. London: Wm Dawson & Sons Ltda., 1927. p. 84.

¹¹⁴ SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano; uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 129.

¹¹⁵ SIMMEL, E. *Alcoholism and Addiction* – Psychoanalytic Quartely, Vol. 17, 1948. p. 13.

Simmel também percebia na relação dos bebedores com o álcool uma espécie de tratamento aos dissabores da vida. Ele dizia que algumas categorias de bebedores podiam ser pensadas como um produto da nossa civilização.¹¹⁶

Em “*Alcoholism and Addiction*” (1947), o autor estabelece quatro categorias de bebedores: os bebedores sociais, os bebedores reativos, os bebedores neuróticos e os adictos alcoólatras. E é na medida em que considera sobre as especificidades de cada um desses quadros é que ele formula sua tão propalada máxima relativa à solubilidade do supereu. O autor comenta como em alguns casos os bebedores encontram em sua vida pessoal excessivas privações e são forçados a supressões maciças em relação aos seus desejos, como por exemplo, um casamento infeliz ou uma condição de trabalho opressiva que não conseguem mudar. Nesses casos, beber é uma forma de escapar às injunções dessa realidade insuportável. Isso os ajuda a esquecer, a suprimir o que eles não conseguem reprimir e a encontrar uma satisfação substitutiva na relação artificial produzida pela embriaguez.¹¹⁷ Simmel diz textualmente que alguns indivíduos são forçados a viver num estado psicológico que os coloca além de seus limites, e eles habitualmente se embriagam para enfraquecer as funções do supereu.¹¹⁸ E no fio de seu raciocínio, Simmel anuncia: “*O supereu alcoólico é solúvel em álcool*”.¹¹⁹

¹¹⁶ SIMMEL, E. *Alcoholism and Addiction* – Psychoanalytic Quartely, 1948, Vol. 17. p. 8.

¹¹⁷ SIMMEL, E. *Alcoholism and Addiction* – Psychoanalytic Quartely, 1948, Vol. 17. p. 9.

¹¹⁸ SIMMEL, E. Op. cit. p. 9.

¹¹⁹ SIMMEL, E. Op. cit. p. 13.

3.2. O que pode ser um supereu solúvel?

Na conferência “*Por que o supereu não é solúvel em álcool*”, proferida em Belo Horizonte, na V Jornada do Centro Mineiro de Toxicomania no ano de 1992, Bernard Lecoeur nos faz tomar conhecimento da máxima forjada por Simmel. De acordo com Lecoeur o aforismo obteve sucesso junto aos que se interessavam pelo assunto. A fórmula dá conta “*da dimensão do excesso, da desmesura que se liga a esse fenômeno sem que um apelo seja feito à virtude moral ou as suas falhas*”.¹²⁰

Para Lecoeur a proposta de Simmel é aceitável, desde que se entenda a sua concepção não como uma maneira de fugir do caráter do Pai, mas como uma forma de reduzir as conseqüências devastadoras desta submissão. A idéia do supereu solúvel mantém sua pertinência se pensada como uma técnica que visa restringir os efeitos de censura provenientes do supereu no sujeito. O álcool inibe os efeitos da repressão e produz uma supressão (*unterdrückung*) tóxica. Na embriaguez, a rigidez da censura é diminuída e sentida como um arrefecimento na ação do supereu, que se traduz como restrição da incidência subjetiva dos efeitos do agente paterno no sujeito.

Quando se observa o comportamento que apresenta o homem embriagado assistimos a desinibição tomar o lugar do decoro e o respeito às convenções dá lugar a manifestações, não raro, inadequadas. Na presença do álcool, o excesso e a desmedida se manifestam, uma inclinação à verdade se inflama sob a máscara da embriaguez, *in vino veritas*, o homem embriagado costuma dizer tudo o que lhe parece necessário ser dito: – no vinho, a verdade.

Porém, mesmo que uma verdade necessária seja dita na embriaguez, ela vem como balbuciação etílica. Os tropeços da fala e a exaltação que acompanham essas verdades aos borbotões desqualificam o que diz o homem embriagado.

¹²⁰ LECOEUR, B. *Por que o supereu não é solúvel no álcool* – O homem embriagado – Estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e o alcoolismo. Centro Mineiro de Toxicomania – FHEMIG – Conferências da V Jornada do CMT, Belo Horizonte, 1992. p. 72.

As amnésias posteriores nos obrigam a pensar que a embriaguez produz um “*evento sem sujeito*”¹²¹, conforme nos adverte Lecoecur. O álcool permite manifestações efusivas que vem em arroubos, mas que não guardam registro na lembrança do homem embriagado. O que fica contudo, na memória de seus interlocutores parecem ser verdades sem medida, destemperadas pelo álcool. Sua fala que não faz laço social, cacofonia das palavras.

A idéia de Simmel pressupõe que o supereu possa ter suas características “diluídas”, um supereu que sob a influência do álcool, torna-se complacente em sua função de censor. É como se o supereu negligenciasse sua intimidade regular aos ordenamentos e se tornasse condescendente ao excesso.

O argumento de Simmel parece incidir principalmente naquilo que poderíamos chamar de aspectos morais do supereu, sobretudo no que aponta para a vertente ligada à censura e ao interdito. Sabemos hoje, que é somente através de uma leitura parcial do supereu que se pode cogitar sua diluição. Podemos dizer que Simmel estava tratando de um supereu concebido estritamente como instância reguladora. O supereu de que ele falava é o censor do eu, herdeiro do Édipo, que mantém a função de instância crítica vinculada à consciência moral. Focalizando dessa maneira, há sentido em se pensar que o supereu parece ser permeável ao tratamento tóxico. É como se a voz da consciência encontrasse sedação pela via de uma supressão (*unterdrückung*) tóxica.

Será que atualmente podemos continuar levando adiante a tese de Simmel no que diz respeito à relação entre o uso do tóxico e de outros produtos inebriantes como forma de apaziguamento do supereu? Será que é realmente isso o que podemos vislumbrar quanto a essa questão?

Que vertente do supereu está em foco quando se trata de apreciar sua presença na relação com as toxicomanias?

Por que na época dos pós-freudianos é possível falar que o supereu que é solúvel em álcool e na época dos pós-lacanianos se pode falar de que há na toxicomania uma espécie de injunção ao gozo derivada do supereu?

¹²¹ LECOEUR, B. *Por que o supereu não é solúvel no álcool – O homem embriagado – Estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e o alcoolismo.* Centro Mineiro de Toxicomania – FHEMIG – Conferências da V Jornada do CMT, Belo Horizonte, 1992. p. 73.

Parece-nos necessário contextualizar o conceito de supereu para termos uma dimensão mais clara de suas implicações. O que já havia sido formulado por Freud em 1927 sobre o supereu? É possível fazer uma leitura sobre o supereu de forma que possamos atribuir-lhe a característica de solubilidade?

3.3. Algumas pistas sobre o supereu

O termo supereu é anunciado no contexto da segunda tópica freudiana, no texto “*O eu e o isso*” (1923). Na verdade, esse é um conceito que foi elaborado ao longo da obra de Freud. Façamos um trilhamento de algumas de suas pistas na forma em que nos auxilia nesta dissertação.

Podemos entender que existem prelúdios do supereu em “*Sobre o narcisismo – uma introdução*” (1914), nesse texto supercondensado como disse o editor inglês, Freud trata sobre uma enormidade de questões muito importantes, mas vamos nos ater apenas aos pontos que podem concernir ao interesse em questão, como por exemplo, quando é trabalhado o conceito de “ideal de eu” e a função de auto-observação a ele relacionado.

O psicanalista observou que já sabia que o recalque ocorre a partir do eu, mas na verdade se podia ser mais preciso quanto a isto, o recalque parte da avaliação que o eu faz de si mesmo. O narcisismo infantil será perdido e substituído por um ideal do eu que servirá de instrumento de medida no eu para observar a si mesmo. O amor por si próprio fruído no narcisismo infantil agora se dirigirá a este ideal de eu. É desse modo que surgem os esboços de uma instância que zela pela satisfação narcísica, observando e medindo o eu por um ideal¹²². O autor menciona que a própria formação do recalque tem como condição a constituição de um ideal por parte do eu.

No artigo o psicanalista nos chama atenção para o fato de que aquilo que habitualmente chamamos consciência moral é muito semelhante ao que se pode observar

¹²² FREUD, S. *Sobre o Narcisismo – uma introdução* (1914) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974. p. 112.

nesta instância que ele descreve, de fato ele remarca que uma “consciência moral” é algo que se pode encontrar em todas as pessoas.

Freud é partidário da idéia de que a patologia como uma manifestação distorcida ou exagerada pode atrair nossa atenção para coisas que em estado normal nos escapariam, o excesso da doença pode mostrar o que é corriqueiro na normalidade. E nos ilustra isso quando localiza na paranóia a presença de um “agente crítico”.

No “delírio de ser observado” se revelaria a presença de um agente crítico que na forma de alucinação acústica admoesta o sujeito, comenta-lhe as ações, vigia seus atos, supervisiona seus pensamentos. Do relato dos pacientes Freud colhe que as “*vozes os informam da atuação desta instância*”.¹²³

Freud já havia percebido em sua clínica com as histéricas que os sintomas eram produzidos por um conflito entre o eu e as moções pulsionais inconscientes. Dessa maneira haveria também na neurose algo parecido que dividiria o sujeito. Na neurose este funcionamento contudo ocorria de modo mais brando, não na forma de vozes, mas como pensamentos obsessivos ou talvez como algum dilema pertinente à consciência moral.

Quando se utiliza da vinheta clínica das vozes na paranóia, Freud está nos demonstrando duas coisas a um só tempo: ele tanto nos mostra a presença do agente crítico, quanto uma alteração quantitativa que caracterizaria uma patologia. O sintoma de que o paciente se queixa é de que as vozes o submetem a uma perquirição. Essas vozes tanto indagam minudentemente, quanto vociferam. O que se apresenta nesse quadro expandido na forma superlativa, poderá ser encontrado em todos os sujeitos funcionando de forma estrutural. Assim o que funciona como os contornos da voz da consciência, a voz interna do neurótico, manifesta em seu monologo interior, funciona como alucinação acústica na psicose que se expressa como voz imperativa. Como diz Gerez-Ambertín: “*Freud avança para além da paranóia e dá à nova instância um lugar definitivo na*

¹²³ FREUD, S. *À guisa de introdução ao Narcisismo*. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud Vol.1. Tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004. p. 113.

estrutura do psiquismo ao inferir sua presença nas psicoses, nas neuroses de transferência e na vida normal”.¹²⁴

Freud deixará então em “*Sobre o narcisismo*”, os indícios desse ideal de eu que se faz acompanhar por uma função vigilante. Ele conclui dizendo que a instância foi forjada inicialmente pela influência crítica dos pais e será expandida para as figuras dos educadores, tutores, numa miríade incontável de pessoas. Assim temos a origem daquilo que para um sujeito, “*lhe é transmitido pela voz e tutelado pela consciência moral*”.¹²⁵

Em “*Luto e melancolia*” (1915), surgem outros apontamentos interessantes pois reaparece a idéia do agente crítico presente na paranóia atuando também na melancolia. Freud estava explanando sobre o mecanismo de um estado patológico e se viu diante da tarefa de examinar um pouco melhor a questão da identificação.

No texto o psicanalista faz observações sobre os estados de luto e melancolia levando em conta a economia libidinal nas relações com os objetos. No seu raciocínio Freud considera como a oralidade e a introjeção do objeto podem contribuir para o exame da questão. Como seu estudo sobre o Narcisismo já havia lhe fornecido as dicas sobre a atuação da libido tanto no eu quanto nos objetos, o autor podia então verificar, que as catexias objetais podiam dar lugar à identificação. Nesse texto ele acaba mostrando mais do que isso, vai dizer que a identificação é anterior à catexia objetal:

A identificação é uma etapa preliminar da escolha de objetal, que é a primeira forma – e uma forma expressa de maneira ambivalente – pela qual o ego escolhe um objeto. O ego deseja incorporar a si este objeto, e, em conformidade com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o.¹²⁶

O argumento de Freud leva em conta então a incorporação de elementos que são externos ao eu, e nesta dialética o autor acaba por nos dar mais indícios de como a própria

¹²⁴ GEREZ-AMBERTÍN, M. *As vozes do supereu*. Tradução Stella Maris Chesil. São Paulo: Cultura Editores Associados; Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003. p. 59.

¹²⁵ FREUD, S. Op. cit. p. 114.

¹²⁶ FREUD, S. *Luto e Melancolia* (1915) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974. p. 282.

constituição do sujeito é articulada. O sujeito é fruto de uma trajetória pelas identificações e escolhas objetais que lhe moldam o caráter.

No artigo Freud localiza aspectos da economia libidinal em curso na melancolia e trata a questão da seguinte forma: quando ocorre a perda do objeto, o eu pode tentar se identificar ao objeto perdido na expectativa de oferecer um tratamento aos investimentos libidinais que são forçados a se desligar. Dessa maneira pode surgir a circunstância em que *“a sombra do objeto cai sobre o eu, o eu será julgado por um agente especial, como se fosse o objeto abandonado”*.¹²⁷ Assim, a perda do objeto se torna uma perda do eu¹²⁸, que se manifesta voltando-se contra si mesmo. Isso ocorreria como se uma parte do eu tratasse de maneira hostil a outra que se identificou ao objeto.

Enquanto Freud discorre sobre a melancolia e fala das identificações acaba por fazer uma digressão que aponta novamente na direção de um agente crítico em curso no psiquismo.

No capítulo VII de *“Psicologia das massas e análise do eu”* (1921), Freud vai tratar da questão da identificação. Ele se debruça sobre os efeitos dela decorrentes na articulação da estrutura psíquica do sujeito, e se aprofunda mais que em suas elaborações anteriores, ele diz que a identificação é: *“a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”*.¹²⁹ Freud mostra o caminho apoiando-se no complexo de Édipo.

Ele demonstra a partir do Édipo a dinâmica das relações da criança com o par parental localizando as vicissitudes libidinais que estão em curso, bem como seus desdobramentos subseqüentes para o sujeito. Na trilha do Édipo um sujeito deve em um determinado momento, identificar-se com um progenitor e tomar o outro como objeto. Enquanto destrincha o romance familiar, Freud localiza que faz toda a diferença para um sujeito em querer ser como um objeto ou querer ter um objeto. É bem diferente o que se coloca quanto à questão de se o sujeito quer ser como o pai ou se ele quer tomá-lo como

¹²⁷ FREUD, S. *Luto e Melancolia* (1915) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974. p. 281.

¹²⁸ FREUD, S. Op. cit. p. 282.

¹²⁹ FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 133.

objeto. Esse posicionamento conduz a um antagonismo entre essas duas posições, neste caso, conduzindo ao par antinômico ativo-passivo.

Próximo da conclusão de “*Psicologia das massas*”, Freud afirma que não há mais novidade no fato de que pode haver uma identificação a um objeto que foi perdido, como ele já havia cogitado no seu trabalho sobre a melancolia. E quando volta nas suas considerações sobre a melancolia, nos diz que ela:

Mostra-nos, o ego dividido, separado em duas partes, uma das quais vocifera contra a segunda. Esta segunda parte é aquela que foi alterada pela introjeção e contém o objeto perdido. Porém a parte que se comporta tão cruelmente, tampouco a desconhecemos. Ela abrange a consciência, uma instância crítica dentro do ego, que até em ocasiões normais assume, embora nunca tão implacável e injustificadamente, uma atitude crítica para com a última.¹³⁰

O psicanalista caminha para a confirmação daquilo que anteriormente já havia se dado conta relativo à ocorrência de uma instância crítica no eu. O agente crítico se configura na medida em que o eu toma a si mesmo como objeto, o eu se divide e trata a si mesmo como objeto. Nesse artigo, Freud vai chamar esta instância de ideal do eu atribuindo-lhe ainda as seguintes funções: auto-observação, consciência moral, censura nos sonhos e a principal influência na repressão.¹³¹

Em “*O eu o isso*”(1923), surge efetivamente a presença da instância psíquica nova e junto dela se inaugura a chamada segunda tópica freudiana.

Se Freud tem um pouco mais de clareza com relação aos efeitos que quer descrever, ele não consegue fazê-lo sem certa ambigüidade, que dá margem ao que parece uma vacilação conceitual. Isso se deve ao fato de que a instância é nomeada nesse texto de

¹³⁰ FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 138. Op. cit. p. 138.

¹³¹ FREUD, S. Op. cit. p. 138.

modo alternado como supereu e ideal do eu. Fica-se com a impressão de que o conceito veio amalgamado e que seria necessário ser posteriormente dissecado.

A novidade compreendia o ideal do eu, como Freud já havia cogitado anteriormente, mas também algo sobre mim, supra-eu – *über-ich*. Tal como Freud colhia seus conceitos da boca de seus pacientes podemos nos aproximar da riqueza do achado freudiano e numa licença acadêmica, imaginar o paciente queixando-se ao psicanalista: “É como se algo sobre mim não me deixasse em paz, perscrutando minhas intenções”.

A instância mantém basicamente as mesmas funções anteriores e a prova de realidade foi relegada ao eu. Nas suas observações, Freud faz a importante notação que esta parte que está sendo descrita agora se encontra apenas parcialmente vinculada à consciência.

Somente mais tarde é que se delineia com mais clareza a divisão que deve operar entre ideal de eu e supereu. Lacan vai nos dizer que essas instâncias têm funcionamentos em algum momento antagônicos: “*O supereu é constrangedor e o ideal do eu exaltante*”.¹³² Mas voltemos ao supereu como Freud caminha no “*O eu e o isso*”.

O que ficava nítido era a idéia de que no seio do eu surgia uma outra parte, o supereu é uma das duas partes de um eu dividido que: “*Sob o olhar de um observador escrupuloso, o eu responderia, assim, às exigências conscientes de uma moral a ser seguida e de um ideal a ser esperado*”.¹³³

A base e as origens do supereu se delineiam com efeito das primeiras identificações primitivas da criança. A primeira e mais importante identificação de um indivíduo é sua identificação com o pai, isto ainda não é o resultado de uma catexia de objeto mas uma identificação direta e imediata, mais primitiva que qualquer escolha de objeto.¹³⁴ Quando

¹³² LACAN, J. *O seminário – Livro 1 – Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Versão brasileira Betty Milan. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. p. 123.

¹³³ NASIO, J. D. *Lições sobre os sete conceitos cruciais em Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 132.

¹³⁴ FREUD, S. *O ego e o id (1923)* – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 45.

Freud traz essa perspectiva sobre a identificação vai se consolidando a idéia de que o “caráter do eu” foi forjado pela história das escolhas e identificações do sujeito.

O supereu é forjado em meio às complexas moções pulsionais em curso no desenvolvimento da sexualidade infantil. O romance familiar é o palco das primeiras relações da criança, é o momento em que identificação e a escolha de objeto vão sedimentando as bases do eu. O supereu surgirá como resíduo das primeiras escolhas objetais do isso, bem como é ao mesmo tempo uma enérgica reação a elas, compreende o enunciado: “*você deveria ser assim (como seu pai)*”, e irrompe concomitantemente como uma proibição a isto: “*você não pode ser assim (como seu pai)*” – existem algumas coisas que são prerrogativas do pai.¹³⁵

A presença desses opostos no supereu, como este: “*tu deves*”, “*tu não deves*”, se relaciona com a própria genealogia do supereu, de acordo com Kaufmann, ele assim faz notar:

Ao primeiro momento (tu deves) está associado uma genealogia das identificações do sujeito, sejam elas originárias, anteriores a todo investimento de objeto, ou “resíduos” das primeiras escolhas de objeto do isso; ao passo que o segundo momento (tu não deves), “numa formação reativa enérgica contra esses investimentos de objeto, proibição, sentimento de culpa, angústia”.¹³⁶

O supereu resta como herdeiro do complexo de Édipo e ele foi forjado erigindo dentro de si as barreiras contra o incesto.

No fim da dialética edipiana uma interdição que era externa será internalizada pelo sujeito. Isso ocorrerá na forma de uma lei universal que rege a todos que é a da proibição do incesto. Na conclusão do Édipo restará um ordenamento, como uma lei básica: “*não dormirás com tua mãe*” – lei *princeps* que promulga que existem interdições. O conhecimento da lei para o sujeito humano tem um efeito inaugural:

¹³⁵ FREUD, S. *O ego e o id* (1923) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 49.

¹³⁶ KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. p. 512.

o que a lei que interdita visa é a satisfação impensável do desejo incestuoso da criança, ou seja, o gozo absoluto. O desejo prossegue incessantemente em busca da satisfação incestuosa, ainda que ela seja proibida. A lei, portanto, ao barrar o gozo puro, abre caminho para o desejo.¹³⁷

A lei e a interdição veiculadas pelo Nome-do-Pai estão nas bases do supereu que se forma, o que era externo como ameaça da castração, anunciado como proibição, restará dentro na forma de uma lei simbólica, encarnado como um censor interno. Pode-se de alguma forma aproveitar a riqueza da língua pátria de Lacan, que neste caso oferece a interessante homofonia que existe entre Nom-du-Père (Nome-do-Pai) e Non-du-Père (Não-do-Pai) que para além do deleite acústico, aponta o que está verdadeiramente em questão. É a marca desse significante que conduz um sujeito ao campo do desejo que foi necessariamente inaugurado por uma interdição.

Assim damos conta de que a ameaça da castração, anunciada como interdição, engendra a dimensão do desejo. A proibição do incesto anuncia um para-além do desejo caprichoso da mãe, apontando para o campo do Outro, campo simbólico, lugar da lei do significante. Essa operação produz um sujeito dividido pelo significante e por isto, desejante. O operador dessa divisão é o significante do Nome-do-Pai que funciona como a lei do Outro. Barreto assim nos diz:

O Nome-do-Pai é, portanto, no interior do Outro, um significante especial, que funda a lei, isto é, a articulação do significante numa certa ordem, que pode ser chamada de lei do Édipo, lei da proibição da mãe, lei simbólica. A lei é a operação pela qual o Nome-do-Pai define uma ordem, fazendo com que a significação fálica encontre seu lugar. E o pai é, no Outro, o significante que marca que o significante existe, ou o significante que representa a existência do lugar da cadeia significante como lei.¹³⁸

¹³⁷ BARRETO, F. P. – *A lei simbólica e a lei insensata: uma introdução à teoria do supereu*. in Lacan e a Lei. Curinga vol. 17. Escola Brasileira de Psicanálise – Minas Gerais, Belo Horizonte. EBP-MG, Nov. 2001. p 45

¹³⁸ BARRETO; F. P. Op. Cit. p. 44.

A dialética edípiana deve funcionar no seu desfecho como o que “*produz uma vinculação entre o desejo e a lei, pois é a interdição que permite a assunção do desejo. O pai edípico une o desejo e a lei*”.¹³⁹

Freud dirá que na dissolução do Édipo, o supereu com um caráter compulsivo funcionará na forma de um imperativo categórico, e nas conclusões do capítulo III de “*O eu e o isso*” destacará que o senso social e a moralidade, o que se considera como o lado superior do homem, vão incidir no sujeito ao desfecho do Édipo como lei internalizada. Freud considera assim o supereu como um representante da relação com os pais: “*Quando éramos criancinhas, conhecemos essas naturezas mais elevadas, admiramo-las e tememo-las, e, posteriormente, colocamo-las em nós mesmos*”.¹⁴⁰

Dessa forma há uma dimensão do supereu que pode ser assim compreendida:

Reconhecemos um supereu assemelhado à consciência em suas variações de consciência moral, consciência crítica e consciência produtora de valores ideais. Esse supereu-consciência corresponde à definição clássica que designa a instância supereu-óica como a parte de nossa personalidade que rege nossas condutas, julga-nos e se oferece como modelo ideal.¹⁴¹

Anteriormente assinalamos que somente uma leitura parcial do supereu poderia conduzir à hipótese de sua solubilidade. Parece-nos que a hipótese do supereu solúvel incide numa visada específica do supereu.

“*O eu e o isso*” é um texto que foi separado em cinco partes. Esses fragmentos que exploramos acima são os que concernem ao capítulo que se intitula “*O ego e o superego (ideal do ego)*”, que é onde Freud examina alguns aspectos pertinentes à identificação sob a luz do complexo de Édipo. Ele destaca a importância que adquirem os resíduos das

¹³⁹ PEREIRA, C. M.M. *Alcoolismo masculino e identificação: um traço cruel do pai?* Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em Psicanálise da UERJ, Outubro 2005. p. 39.

¹⁴⁰ FREUD, S. *O ego e o id* (1923) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 51.

¹⁴¹ NASIO, J. D. *Lições sobre os sete conceitos cruciais em Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 131.

escolhas objetais e localiza ainda a formação de um precipitado no eu como um derivado das vivências edípicas. O supereu herdeiro do Édipo é anunciado nessa parte do artigo.

Talvez se deva considerar a hipótese de Simmel sobre a debilitação, arrefecimento, quicá solubilidade do supereu, particularmente sob um aspecto, eminentemente aquele que diz respeito à ação da supressão da censura em relação aos valores morais e consciência crítica. O supereu que dilui seria concebível apenas no que diz respeito a um supereu censor, o guardião das exigências morais e das proibições, o supereu que apela para a boa medida conforme já havíamos aventado anteriormente.

Devemos ressaltar que mesmo que somente uma leitura parcial do supereu permita cogitar sua solubilidade, de certa forma a máxima se aplica. Talvez uma parte deste raciocínio esteja correta, esta parte na verdade parece ser um fenômeno que se oferece facilmente à observação empírica.

Efetivamente encontra-se no uso do álcool sensações prazerosas como Freud já havia chamado atenção, derivadas do efeito desinibidor que sua ingestão comporta. O uso do álcool pela humanidade é primevo, sabe-se da presença do álcool na cultura ao longo dos séculos, sabe-se igualmente que se encontra no vinho uma espécie de encorajamento à verdade como já mencionamos: “*in vino veritas*”. Lecoecur destaca: “*o álcool rebaixa o nível das forças de inibição e despoja a palavra do que faz sentido, senso comum*”.¹⁴² Assim nessa espécie de evento sem sujeito, podemos suspeitar que o supereu foi diluído.

Embora possamos guardar esse tipo de impressão sobre os efeitos do álcool atenuando a ação do supereu, como experiência ordinária que serve facilmente à observação, isto não é o que se encontra de maneira mais proeminente nos casos em que existem verdadeiramente quadros clínicos de alcoolismo e toxicomania. Se avançarmos um pouco mais em “*O eu e o isso*”, encontraremos mais pistas para um exame mais acurado do supereu para se pensar nessas relações, pois encontramos não um supereu regulador, mas um supereu dado a injunções.

¹⁴² LECOEUR, B. *Por que o supereu não é solúvel no álcool – O homem embriagado – Estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e o alcoolismo*. Centro Mineiro de Toxicomania – FHEMIG – Conferências da V Jornada do CMT, Belo Horizonte, 1992. p. 73.

3.4. O supereu como herdeiro do isso

Antes de Freud circunscrever o supereu, ele já havia se encontrado com os efeitos de sua ação, se ainda são meio opacos no trabalho sobre o narcisismo pareciam mais evidentes no seu trabalho sobre a melancolia. Quando Freud se debruça sobre a patologia para discorrer acerca de seus mecanismos internos ou localizar seus aspectos econômicos, ele acaba sendo levado a um passo adiante, e é forçado a apreciar todos os elementos que se encontram em curso na expectativa de dar nitidez ao que a clínica está revelando. Seus achados vão sempre levando a outros.

Se na melancolia o eu pode se identificar ao objeto perdido como saída para um impasse libidinal, mais adiante Freud vai notar que a identificação se estende ao quadro geral da economia psíquica e não se restringe às manifestações patológicas. Dessa forma na ocasião em que o psicanalista apreciou a identificação também encontrou as pistas do agente crítico.

Para encontrar a *fons et origo* desse censor do eu, Freud é levado ao Édipo, pois era ali que provavelmente residiam seus primeiros contornos. Se a instância inibe, constrange e critica é supostamente porque porta os traços de uma lei. O Édipo é eminentemente a cena em que se inaugura a lei. Dessa forma, Freud aproxima na origem o Édipo, o supereu e a lei. Podemos ir aonde o fio nos conduz e vislumbrar o que se revelará mais adiante. A identificação que funciona como incorporação de um objeto funcionará *par e passu* no cenário edipiano como identificação ao pai e incorporação da lei. Lacan nos convoca para estarmos atentos ao supereu edipiano: “*que ele nasça no declínio do Édipo quer dizer que o sujeito incorpora sua instância*”.¹⁴³

Freud remarca que o supereu é herdeiro do Édipo, bem como não deixa escapar que sua própria genealogia remonta ao caos do isso. Dessa forma, o supereu assim engendrado, mantém com o eu uma relação em que pesam de forma muito importante os conteúdos do isso. O supereu deriva das primeiras catexias objetais do isso e se encontra mais próximo

do isso que da consciência. Ele revela toda sua independência do eu e sua intimidade com o isso, na medida em que pode atuar em relação ao eu como um advogado do isso.

Enquanto trabalhava com a questão da identificação Freud encontrou o agente crítico e formulou uma importante observação acerca da origem do supereu: “*por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal*”.¹⁴⁴ Já assinalamos com Freud que essa identificação é anterior a qualquer catexia de objeto e aqui ele a remete ainda mais longe dizendo que é algo que estaria presente na filogênese da espécie humana.

O supereu como um precipitado que se forma no eu guarda os resíduos dessas identificações. O supereu só é herdeiro, porque guarda dentro a marca de uma lei que não se apaga, “*dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem*”.¹⁴⁵ A interdição de fora se torna censor por dentro.

Freud em “*O eu e o isso*”, revela-nos sobre o caráter compulsivo do supereu que opera no sujeito como um imperativo categórico. O supereu permanece acessível às influências externas posteriores, mas conserva a característica de se manter afastado do eu e dominá-lo. O supereu traz o selo de suas origens: “*Tal como a criança esteve sob a compulsão de obedecer aos seus pais, assim o eu se submete ao imperativo categórico do seu supereu*”.¹⁴⁶

Freud não deixa de apontar contudo que essa lei internalizada está sujeita a um funcionamento eventualmente paradoxal. O supereu é uma lei, mas ainda lhe é auferido ao mesmo tempo a característica de ser hipermoral e mesmo cruel. Lacan leva os termos ao

¹⁴³ LACAN, J. *O seminário – Livro 7. A ética da Psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução Antônio Quinet. Rio de Janeiro, 1988. p. 368.

¹⁴⁴ FREUD, S. *O ego e o id* (1923) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 44.

¹⁴⁵ FREUD, S. Op. cit. p. 50.

¹⁴⁶ FREUD, S. Op. cit. p. 64.

seguinte ponto: “O supereu tem uma relação com a lei, e ao mesmo tempo, é uma lei insensata, que chega até a ser o desconhecimento da lei”.¹⁴⁷

Na medida em que vai localizando como se manifestam na clínica as relações entre eu, isso e supereu, Freud encontra várias vezes a presença do sentimento de culpa e é levado a fazer considerações acerca do assunto. Ele circunscreve o sentimento de culpa como um sinalizador entre as tensões existentes entre o eu e o supereu. A culpa seria a própria expressão de uma condenação do supereu dirigida ao eu. Freud vai apontar que esse sentimento pode ser um poderoso empecilho ao tratamento, que pode se manifestar na forma de uma reação terapêutica negativa, quando por exemplo: “*um sentimento de culpa, que está encontrando sua satisfação na doença e se recusa a abandonar a punição do sofrimento*”.¹⁴⁸ A culpa surgiria como resultado de injunções super-euóicas no eu.

Mais adiante Freud comenta sobre variações do sentimento de culpa, detectáveis em todas as estruturas. Ele localiza em alguns homicidas uma culpa antes do crime, vindo a primeira a justificar o segundo. Uma esmagadora culpa prévia leva o sujeito ao crime como forma de apaziguar o sentimento inexorável. Todas essas variações dão indícios de como o supereu pode trocar impiedosamente do sujeito, bem como nos revela ainda o quanto a instância está afastada da consciência e arraigada no isso.

Se as proibições no Édipo são translúcidas, os ditames que emanam do supereu parecem não ser. Lacan no seu seminário “*A ética da Psicanálise*” (1959-1960/1988), lança alguma luz sobre essa trajetória que compreende a identificação, a incorporação do Nome-do-Pai e a presença de alguns afetos antagônicos. Ele diz:

Num artigo célebre que se chama *Luto e melancolia*, Freud diz também que o trabalho de luto se aplica a um objeto incorporado, a um objeto ao qual, por uma razão ou por outra, não se quer tanto bem. Esse ser amado com o qual tanto nos importamos em nosso luto, não lhe prestamos unicamente nossos louvores, nem que seja por essa sacanagem que ele nos

¹⁴⁷ LACAN, J. *O seminário* – Livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 1953-1954. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Versão brasileira de Betty Milan. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. p. 123.

¹⁴⁸ FREUD, S. Op. cit. p. 66.

fez ao nos abandonar. Então, se incorporamos o pai por sermos tão malvados conosco mesmo, é talvez por termos, contra esse pai, muitas recriminações a fazer.¹⁴⁹

Esses fragmentos que estamos extraindo do texto de Freud e amparando nos comentários de Lacan remetem ao que podemos chamar de aspectos paradoxais do supereu, e grosso modo revelam que, se o supereu tem haver com a lei é uma lei sobretudo insensata. O que provêm do supereu não parece ser exclusivamente uma lei que regula o gozo.

Lacan salienta: “*A interiorização da Lei, não cessamos de dizê-lo, nada tem a ver com a Lei... É possível que o supereu sirva de apoio à consciência moral, mas todos sabem muito bem que ele nada tem a ver com ela no que se refere à suas exigências mais obrigatórias*”.¹⁵⁰

Miller comenta que o supereu freudiano não tem nada a ver com uma função normalizante e legal. O autor fala das grandes dificuldades que foram encontradas pelos primeiros freudianos para manejar tanto conceitualmente quanto na clínica o supereu. Para a geração de psicanalistas da década de 30, era possível pensar que o paciente devia aceitar seu analista como substituto de seu supereu. Enganos a parte, Miller comenta que Franz Alexander consegue apreender melhor os apontamentos de Freud sobre os aspectos paradoxais do supereu, ele diz:

Temos neste artigo de Alexander, um sentimento muito preciso do que é o supereu em Freud. Diz: “Não se deve pensar que o supereu é o órgão da adaptação à realidade, não devemos pensar que o supereu é a lei.” Em sua linguagem, diz que é um código legal porém arcaico, que preserva muitas adaptações no sujeito, mas adaptações completamente inadaptadas à sua situação real; de modo algum é uma instância que tenha acesso à realidade. Pelo contrário – o supereu cumpre sua tarefa de forma automática e com a monótona uniformidade de um reflexo. Ele vê muito bem o vínculo entre o supereu e o

¹⁴⁹ LACAN, J. *O seminário – Livro 7. A ética da Psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução Antônio Quinet. Rio de Janeiro, 1988. p. 368.

¹⁵⁰ LACAN, J. *O seminário – Livro 7. A ética da Psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução Antônio Quinet. Rio de Janeiro, 1988. p. 371.

automatismo de repetição, não é uma função de adaptação, e sim de inadaptação no sujeito.¹⁵¹

Para Lacan os aspectos antagônicos do supereu são evidentes. Ele encontra subsídios para apreciar melhor esta questão em alguns apontamentos feitos por Mélange Klein. Lacadée comenta sobre esse interesse: “*Lacan nos convida a seguir Mélange Klein na hipótese genérica que ela faz de um supereu precoce pré-edipiano, supereu que nós chamaremos, nos referindo a Freud, não de herdeiro do Édipo, mas herdeiro do isso*”.¹⁵² E parece ser importante rastrear na genealogia do supereu as suas relações com o isso, pois talvez assim possamos compreender um pouco melhor o porque do supereu agir de forma tão lancinante contra o eu.

3.5. Um supereu mais precoce

Esses aspectos paradoxais do supereu parecem ter oferecido dificuldades a uma parte dos psicanalistas, principalmente daquela que se identifica com a chamada: *ego psychology*. Esses teóricos tomam uma direção na leitura que fazem de Freud, que os leva à concepção de que o eu fortificado deve domar o eu fraco ou as pulsões inconscientes, ou ainda como já foi dito, de que o paciente deve se identificar ao supereu de seu analista. Assim pensando como o próprio nome sugere, a *ego psychology* se ocupa sobretudo, de um tratamento do eu que leve a uma melhor adaptação do sujeito. O tratamento seria concebido como uma espécie de normatização do sujeito.

Essa visão se aplica a uma leitura anglo-saxônica feita da Psicanálise não sendo de maneira alguma consensual. Na verdade a questão do supereu, mesmo que embaraçosa, adquire grande importância no corpus teórico da Psicanálise e alguns autores dedicaram-se

¹⁵¹ MILLER, J. A. *Percurso de Lacan: uma introdução*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1988. p 83

¹⁵² LACADÉE, P. *Le malentendu de l'enfant – Des enseignements psychanalytiques de la clinique avec les enfants*. Psyché. Editions Payot Lausanne, 2003. p. 107.

ao tema tentando circunscrevê-lo de forma cada vez mais precisa. Entre eles encontramos Mélaine Klein, que isola a aparição do supereu em uma fase bem precoce, na fase em que a criança efetua a primeira introjeção oral de seus objetos. Ela era partidária da crença de que as tendências edípicas começariam antes que os impulsos genitais tivessem adquirido primazia. Para Mélaine Klein: “a criança incorpora seus objetos edípicos durante a etapa oral-sádica e, nesse momento, começa a se desenvolver em seu superego uma estreita relação com seus primeiros impulsos edípicos”.¹⁵³ Dessa forma para a psicanalista existe um supereu precoce, já presente na fase oral, e não somente depois do Édipo como pensava Freud. O supereu primitivo seria formado a partir de figuras edípicas arcaicas, composto por identificações que foram mediadas pela pulsão oral.

Podemos colher no texto de Lacan seu interesse em algumas formulações propostas por Mélaine Klein sobre o supereu: “é claro que desde então se deram alguns passos para frente mostrando que havia um, nascido anteriormente, diz Melaine Klein, em retorsão das pulsões sádicas, embora ninguém seja capaz de justificar que se trate ainda do mesmo supereu”.¹⁵⁴

Algumas pressuposições de Mélaine Klein contribuíram para os avanços de Lacan sobretudo a compreensão que ela tinha desse supereu precoce. Um núcleo sádico permaneceria no cerne do que tornaria parte da estrutura psíquica do sujeito.

A leitura de Mélaine Klein fornece a Lacan algum material importante que vai levá-lo a pensar em um supereu particular, ligado à questão da estrutura. Pode-se dizer da relação que conduz a criança à linguagem.¹⁵⁵

¹⁵³ KLEIN, M. *Contribuições à Psicanálise*. O desenvolvimento inicial da consciência na criança. 1933. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970. p. 339.

¹⁵⁴ LACAN, J. *O seminário – Livro 7. A ética da Psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução Antônio Quinet. Rio de Janeiro, 1988. p. 368.

¹⁵⁵ LACADÉE, P. Op. cit. p. 108.

3.6. O supereu vocifera, caroço da palavra

Quando voltamos a “*O eu e o isso*”, percebemos que Freud faz considerações sobre as percepções acústicas e sinaliza ainda a importância que adquirem os resíduos verbais, que o supereu consiste de representações verbais, não se pode negar em sua origem as coisas que ouviu.¹⁵⁶ Lacan capturou bem o sentido disso: “*é na linha da articulação significante, a da proibição, que o supereu se formula, até mesmo sob as suas formas mais primitivas*”.¹⁵⁷

O supereu surge e permanece como resíduo sonoro de uma lei entranhada no sujeito, anunciada a partir dos significantes do Outro. É importante localizar contudo a maneira como a criança recebe os significantes que o Outro lhe oferece. Lacan assim enuncia o tom das relações entre o significante e o supereu na forma em que apreende o sujeito, é algo que por vir do Outro pode guardar um sentido indefinível:

Nesse caso privilegiado, vemos aí, encarnada, essa função da linguagem, nós a tocamos com o dedo na sua forma mais reduzida, reduzida a uma palavra cujo sentido e alcance, para a criança, não somos nem capazes de definir, mas que liga, entretanto à comunidade humana.¹⁵⁸

Lacadeé em “*Le malentendu de l'enfant*”, remarca o alcance das leis do significante que imprimem sua marca no sujeito. Ele revela contudo como para a criança isso pode ser uma lei incompreensível. O autor fala sobre as palavras que são dirigidas à

¹⁵⁶ FREUD, S. *O ego e o id* (1923) – Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 69.

¹⁵⁷ LACAN, J. *O seminário* – Livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 344.

¹⁵⁸ LACAN, J. *O seminário* – Livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 1953-1954. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Versão brasileira de Betty Milan. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. p. 123.

criança, ela as entende sem compreender o sentido, este sentido veicula entretanto uma lei, aquela da articulação das palavras entre elas, mas para a criança é uma lei insensata.¹⁵⁹

Para Lacadée, esta lei da linguagem se reduz a qualquer coisa de inexprimível que pode ser apreendida como “*tu debes*”, que é uma palavra privada de todos os sentidos. Essa lei se apresenta ao sujeito como presença, um corpo estrangeiro. Ao fim de seu ensino, Lacan fez equivaler no supereu imperativo o significante somente, S1. E lá o supereu se confunde à palavra mesma, ao comandamento da lei, porque a ele não resta senão como princípio. É então, por essa razão que Lacan aborda de saída a questão do supereu a partir do S1 e do objeto voz.¹⁶⁰

Nasio caminha na mesma direção e ainda remarca como a criança pode reter de forma traumática em suas fantasias as vociferações parentais:

Aturdida, a criança sente o peso da autoridade e da intimidação parentais sem compreender a que se refere realmente a proibição proferida pela voz fantasmática dos pais. O sentido da proibição, sentido este que pode ser veiculado através de qualquer fala simbólica e estruturante, é anulado pelo som penetrante da vociferação parental. O som fantasiado expulsa o sentido simbólico e se converte, no cerne do eu, no domicílio sonoro, isolado e errante que constitui a sede mórbida do supereu tirânico. O estofo desse supereu reduz-se por fim, a um fragmento de voz à deriva, a um objeto errático denominado, na teoria lacaniana, de “objeto a”.¹⁶¹

Para Lacan, a verdadeira figura clínica do supereu se articula sob a forma do imperativo sem sentido, ao qual o sujeito, por não saber o sentido se encontra submetido e que determina os efeitos de gozo no seu corpo. O supereu acaba por se identificar com

¹⁵⁹ LACADÉE, P. *Le malentendu de l'enfant – des enseignements psychanalytiques de la clinique avec les enfants*. Psyché. Editions Payot Lausanne. 2003. p. 110.

¹⁶⁰ LACADÉE, P. *Le malentendu de l'enfant – des enseignements psychanalytiques de la clinique avec les enfants*. Psyché. Editions Payot Lausanne. 2003. p. 111.

¹⁶¹ NASIO, J. D. *Lições sobre os sete conceitos cruciais da Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 134.

aquilo que há de mais devastador na experiência primitiva do sujeito, ele se identifica a isto que Lacan vai chamar de “figura feroz”¹⁶².

É como uma espécie de vociferação parental que Lacan remarca as ressonâncias desse supereu que funciona de forma imperativa, como um:

Tu deves, que é uma palavra privada de todos os seus sentidos. É nesse sentido que o supereu acaba por se identificar àquilo que há somente de mais devastador, de mais fascinante nas experiências primitivas do sujeito. Acaba por se identificar ao que chamo figura feroz, às figuras que podemos ligar aos traumatismos primitivos, sejam eles quais forem, que a criança sofre.¹⁶³

Nas incursões de Lacan pelo supereu, ele vai trilhando suas origens e menciona sobre uma hipótese que foi cogitada sobre um supereu materno, que seria um supereu ainda mais arcaico. Ele diz: “*Houve quem interrogasse: será que o supereu é mesmo unicamente de origem paterna? Não haverá na neurose, por trás do supereu paterno, um supereu materno ainda mais exigente, mais opressivo, mais devastador, mais insistente?*”¹⁶⁴.

Barreto comenta sobre essa hipótese e localiza quais seriam as diferenças entre este supereu edipiano e o supereu materno. O primeiro funciona sobretudo como função coordenada ao desejo, o segundo é derivado de um trauma primitivo sofrido pela criança. Barreto assim enuncia: “*quando suas fantasias fazem-na escutar a voz de um adulto como uma imposição cruel dilacerante, o sentido da fala proibidora se perde, prevalecendo o*

¹⁶² LACADÉE, P. Op. cit. p. 110.

¹⁶³ LACAN, J. *O seminário* – Livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 1953-1954. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Versão brasileira de Betty Milan. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. p. 123.

¹⁶⁴ LACAN, J. *O seminário* – Livro 5: As formações do inconsciente. 1957-1958. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 167.

som da vociferação parental. Domicílio sonoro que se converte em sede do supereu tirânico. Supereu que é o objeto a como voz e, algumas vezes como olhar".¹⁶⁵

Vimos em uma direção na qual encontramos Barreto, Lacadée e Nasio, todos eles leitores de Lacan, fazendo apontamentos sobre a forma como significante e supereu se articulam. O “*tu debes*”, imperativo sem sentido do supereu, nasce do resíduo sonoro, caroço da palavra, que circunscreve seu selo no homem. Lacan, no seminário das relações de objeto, diz: “*Este supereu tirânico, fundamentalmente paradoxal e contingente, representa por si só, mesmo entre os não-neuróticos, o significante que marca, imprime o selo no homem de sua relação ao significante, e a isso se chama o supereu*”.¹⁶⁶

Essa é a outra face do supereu, o supereu amoral, cruel, o supereu como agência do isso que revela; “*um poder ingovernável com capacidade de se ‘opor ao eu e dominá-lo’.* Não participa do exame da realidade, mas sim das vicissitudes da pulsão”.¹⁶⁷

Então como já aventamos anteriormente, o supereu tanto pode ser a voz muda, consciência internalizada no neurótico, quanto uma feroz injunção do significante sem sentido, como uma lei que se desconhece em seu cerne. No supereu há uma inclinação à severidade e à destruição que se manifesta como ordenamento imperativo: – “*Farás!*”.¹⁶⁸

Para Lacan, o supereu é um dos nomes do inconsciente freudiano, proveniente da estrutura, podendo-se dizer, da linguagem. Em “*Televisão*”, ele já havia localizado que a gulodice do supereu é estrutural, não é um efeito da civilização, mas um mal-estar (sintoma) na civilização.¹⁶⁹

Podemos vislumbrar a partir do que articulamos acima, que do supereu surgem toda sorte de constrangimentos e injunções que se exercem no interior do sujeito. E dessa forma

¹⁶⁵ BARRETO, F. P. “A lei simbólica e a lei insensata: uma introdução à teoria do supereu”. In *Lacan e a Lei*. Curinga, Vol. 17. Escola Brasileira de Psicanálise – Minas Gerais, Belo Horizonte. EBP-MG, Nov. 2001. p. 47.

¹⁶⁶ LACAN, J. *O seminário* – Livro 4: As relações de objeto. (1956-1957). Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 216.

¹⁶⁷ GEREZ-AMBERTÍN, M. Op. cit. p. 109.

¹⁶⁸ FREUD, S. Op. cit. p. 71.

¹⁶⁹ LACAN, J. *Televisão*. Outros Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 528.

trilhamos este supereu que Lacan leu em Freud que funciona como imperativo e manda gozar. “*Nada força ninguém a gozar, senão o supereu. O supereu é o imperativo de gozo – goza!*”.¹⁷⁰ Dessa maneira, Gerez-Ambertín bem ilustra que o supereu goza como “*uma instância insensata que admoesta e proscreeve, como excedente pulsional (voz, olhar, espectro, demônio) do que resta do Pai edípico que legisla, sustenta o terrível peso do pai diabólico que impele a partir do imperativo que se faz ouvir gozando. Face obscura de toda lei*”.¹⁷¹

Paradoxos do supereu que parecem pesar na observação acerca do supereu solúvel. Esses aspectos do supereu que encontramos acima não parecem ser passíveis de qualquer espécie de sedação, na medida mesmo em que eles revelam por si só uma injunção ao gozo.

3.7. o supereu não dilui

Voltemos a algumas considerações que nos nortearam até aqui. Este périplo pelo supereu reforça algumas impressões que havíamos colhido sobre a questão da incidência do álcool e da droga na relação com a instância psíquica que cumpre a função de censor do eu.

Se ao supereu era oferecido um tratamento pela via de uma substância estupefaciente não parece ser o que se pode constatar na toxicomania, pois não se assiste a nada que se pareça com um arrefecimento ou mesmo diluição da ação da instância em razão da influência do álcool e da droga. Parece mais pertinente recorrer a presença da gula do supereu que Lacan destaca. Os aspectos paradoxais do supereu encontram uma aplicação ilustrativa nos excessos em curso nas toxicomanias, é importante destacar que esse raciocínio é possível ainda que estas considerações não tenham sido concebidas no

¹⁷⁰ LACAN, J. *O seminário – Livro 20: Mais ainda (1972-1973)*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Versão brasileira de M. D. Magno. 2.^a ed., 1985. p. 11.

¹⁷¹ GEREZ-AMBERTÍN, M. *As vozes do supereu na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. Tradução Stella Maris Chesil. São Paulo: Cultura Editores Associados; Caxias do Sul, RS: Educs, 2003. p. 108.

âmbito da questão do álcool e da droga. Essa posição parece aceitável porque não observamos no toxicômano a debilitação de um supereu da lei moral, parece mais fácil perceber algo próximo das irrupções imperativas provenientes do supereu exortador do gozo tal qual Lacan notificou. Se o homem embriagado pretende oferecer um tratamento à censura, na forma de um estado “fora de si” como artifício para produzir um apaziguamento subjetivo da instância paterna, o que ele parece encontrar é um supereu feroz que o compele a um gozo sem medida.

A proposta de Lacan acerca do rompimento com o faz-pipi como uma definição para o toxicômano parece-nos permitir uma aproximação com a questão do supereu conforme viemos considerando nesta dissertação.

Lembremos que a posição de Lacan é de que a utilização da droga funciona como uma forma de ruptura em relação ao gozo fálico. A toxicomania pode assim ser lida como uma forma de insubmissão ao serviço sexual e ao laço social. Como pensar os efeitos disso?

Localizemos inicialmente que a submissão do sujeito à função fálica foi engendrada a partir da incidência do Nome-do-Pai como significante da lei. Essa operação conduz o sujeito à castração, a falta e ao desejo. O Nome-do-Pai seria um Nome-da-Lei que funciona de maneira reguladora e organiza um mundo normatizado por interdições. Essa operação tem efeito normativo para cada sujeito, circunscreve a forma através da qual ele pode gozar e a maneira mesmo de como o Outro vai sancionar seu gozo.

Assim a função fálica opera como ordenadora de gozo para os sujeitos. A saída do Édipo confere um posicionamento com relação à partilha dos sexos, uma vez que o sujeito se submete à égide do significante fálico. A incidência do Nome-do-Pai funciona como ordenamento ao qual o sujeito é conformado. O Édipo funciona normatizando os sujeitos e a submissão ao significante fálico subsidia um lugar na partilha dos sexos conduzindo a todas as derivações que tal submissão implica para cada um no laço social.

A questão da recusa ao gozo fálico aproxima-nos inicialmente das elaborações que Lacan teceu acerca do mecanismo das psicoses. Para Lacan, a psicose é caracterizada pelo fato de ter ocorrido uma falha na incidência do significante fálico. Houve a exclusão de uma ordem fálica como o que poderia mediar um para-além do desejo caprichoso da mãe.

É a forclusão do Nome-do-Pai que caracteriza a psicose. Porque a lei do pai não incidiu na psicose, o gozo não foi barrado. A ausência de uma lei que barre o gozo faz retornar no real os fenômenos tão característicos da psicose como a alucinação acústica, dando as pistas de como um gozo vociferante que faz o sujeito expiar.

Todo o mecanismo em curso na psicose parece ser muito mais radical do que uma simples “recusa” às implicações da égide fálica. Assistiremos na psicose a uma rejeição “*verwerfung*” do Nome-do-Pai, que tem como conseqüência uma impossibilidade para o sujeito quanto ao seu posicionamento subjetivo na partilha dos sexos, bem como ainda deixa o sujeito à deriva em relação à questão do gozo.

Diante da ausência do significante fálico porque forcluído, algo que diz respeito ao gozo não pode ser circunscrito e na psicose assistiremos ao que retorna como um gozo impossível de localização para o sujeito. A psicose nos mostra os efeitos que são colhidos quando o sujeito não foi marcado pela lei do pai. Porque o Nome-do-Pai não opera, o gozo não cedeu lugar ao desejo. O psicótico sofre do escárnio de um gozo sem lei. É o significante fálico que tem a função de limitação do gozo em geral.¹⁷² Dessa forma o rechaço de um sujeito à ordem fálica é um fenômeno que remete à dimensão de um gozo impossível de significação, bem como nos conduz novamente à origem, sobre a questão do sujeito com relação à lei do Pai.

O significante do Nome-do-Pai, ordenador do desejo, que dita a lei, encontra-se relacionado com o supereu de forma embrionária como vimos. E podemos então retornar às articulações sobre as relações do supereu com as toxicomanias.

Qual efeito se colhe com o rompimento com o faz-pipi? Será que essa estratégia consegue “zerar” a incidência do Nome-do-Pai? Dessa maneira a toxicomania se aproxima da psicose em função de suas relações que produzem a exclusão da ordem fálica?

Bentes dialoga com Santiago e fazem uma articulação que encaminha essas questões, pois remarcam que mesmo que encontremos na toxicomania uma ruptura, isso não conduzirá a uma psicose. Para Bentes, a questão se coloca de modo que a ruptura com o *wiwimacher* apresenta a possibilidade de um gozo não regulado pela medida fálica, mas

¹⁷² SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 174.

esta modalidade de gozo ainda que implique um fora do falo, não implica necessariamente em uma psicose.¹⁷³ Já Santiago apresenta os seguintes termos: “*No que tange aos mais genuínos fenômenos da prática da droga, própria à toxicomania, preconiza-se essa ruptura ao gozo fálico, sem que haja, por isso, forclusão do Nome-do-Pai*”.¹⁷⁴

Mas se a ruptura ao gozo fálico não conduz necessariamente a uma psicose, a que ela levaria?

Aqui parece incidir o ponto, a ruptura ao gozo fálico leva a um supereu que desconhece a lei. Laurent nos diz que: “*Um gozo imperativo retorna no lugar onde falta o gozo fálico*”.¹⁷⁵ A tentativa do toxicômano de fugir à submissão fálica, o conduz a um encontro com um gozo que pode ser verdadeiramente aniquilante. Furtar-se à circunscrição que o gozo fálico produz leva a um encontro terrificante com um gozo que não conhece o limite. Dessa forma a hipótese de Simmel pode ser questionada, pois o ponto em que chegamos nos mostra que o supereu alcoólico não dilui. O supereu não se torna indulgente, mostra antes uma hiância entre a lei que deveria regular e uma lei sem sentido. O homem embriagado nos mostra a face do supereu que exorta ao gozo e exatamente por isto desconhece os caminhos do prazer. Se parece ocorrer alguma espécie de tratamento do sujeito pela via da substância tóxica, tudo o que ele parece encontrar é:

um bem para o sujeito que não coincide com seu bem-estar, ou seja o gozo como bem que se traduz por mal-estar, quando não se confunde com a dor. Pode-se dizer que o supereu arma o braço autodestruidor do eu, que ele é um sabotador interno. Expressão lapidar da divisão do sujeito, mais precisamente da divisão do sujeito contra si mesmo.¹⁷⁶

¹⁷³ BENTES, L. *A clínica do excesso*. In http://www.cetta.psc.br/mains_noticias2.cfm p 4

¹⁷⁴ SANTIAGO, J. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 176.

¹⁷⁵ LAURENT, E. *Versões da clínica psicanalítica*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p. 163.

¹⁷⁶ BARRETO, F. P. “A lei simbólica e a lei insensata: uma introdução à teoria do supereu”. In *Lacan e a Lei*. Curinga Vol. 17. Escola Brasileira de Psicanálise – Minas Gerais, Belo Horizonte: EBP-MG, Nov. 2001. p. 45.

As considerações sobre o supereu e as drogas parecem então poder ser circunscritas neste eixo. Alvarenga nos auxilia nesse raciocínio na medida em que considera a hipótese de que a fissura é uma injunção do supereu. Na verdade a autora se pergunta se a clínica das toxicomanias não é a clínica do supereu. Ela diz: “*O que os toxicômanos chamam de ‘fissura’ é uma das formas do imperativo de gozo do supereu.*”¹⁷⁷

Dessa maneira encontramos a toxicomania como um “novo sintoma” típico, um verdadeiro reflexo dos nossos tempos. Alvarenga contribui com uma hipótese que é ressonante para o ponto aonde chegamos. A idéia de que a severidade do supereu é inversamente proporcional à fragilização do Nome-do-Pai, encontra reflexos na questão da toxicomania. A gulodice do supereu revela seu lugar como sintoma na civilização. Alvarenga assim propõe: “*Nas patologias contemporâneas, assim como nas psicoses, a eficácia do Nome-do-Pai parece ser inversamente proporcional à severidade do supereu, manifestação direta da pulsão como imperativo de gozo*”.¹⁷⁸

Dessa maneira, podemos perceber que o supereu não dilui. O tratamento que o toxicômano visa revela inúmeros efeitos colaterais. Se o toxicômano supõe encontrar nos paraísos artificiais conforto para a dor de existir na civilização, se ele chega mesmo a lutar por este direito, adiante se revelará o gozo como a outra face do prazer. Onde o toxicômano vê uma liberdade, ele encontra a servidão.



¹⁷⁷ ALVARENGA. E. “Do gozo do pai à melancolia”. In *Papers del CA – Nova Época*, N ° 11, Novembro 2005. In www.wapol.org Acesso em 11.07.06. 19:23 hs.

¹⁷⁸ Alvarenga. E. – O supereu e o Nome-do-Pai. In *Papers del CA – Nova Época*, N° 1, Outubro 2004. In www.wapol.org Acesso em 17.11.06. 08:07 hs.

CONCLUSÃO

Nosso trabalho teve a intenção de investigar a questão da toxicomania e do alcoolismo à luz da Psicanálise com Freud e Lacan. O tema não foi tratado profundamente por esses autores como destacamos, mas ao fazer uma trajetória pelo assunto encontramos por assim dizer, um eixo que nos levou a outro. Digamos que o eixo do casamento feliz em Freud levou ao rompimento do casamento com o faz-pipi em Lacan, e o eixo do supereu solúvel produziu uma articulação com o supereu que manda gozar.

A idéia freudiana do “casamento feliz” com o produto se tornou clássica, uma verdadeira referência para se pensar a questão do enlaçamento libidinal que encontramos no toxicômano com seu produto. Desde que Freud formulou essa idéia, ela vem norteando gerações de psicanalistas que tratam do assunto a partir dessa pista preciosa. Essa visada sobre a toxicomania permite localizar sobretudo o aspecto da satisfação substitutiva oriunda do tratamento que o sujeito encontra no uso da droga. A toxicomania ganha assim os contornos de um curto-circuito na satisfação sexual.

O que fica nítido é como o toxicômano pretere o Outro como objeto em seu circuito pulsional. Essa idéia nos conduz à percepção de que o toxicômano não quer saber sobre o Outro sexo. Usar a droga é uma forma de evitar todos os embaraços que o encontro com o Outro sexo coloca para um sujeito. O copo é um parceiro mudo e o alcoolista costuma dizer mesmo com muita frequência que em sua militância: - ele estava casado com o copo. Parceiro fidelíssimo, o alcoolista revela como ele é tenaz ao seu objeto, o toxicômano igualmente parece não ter olhos para mais ninguém. Encontramos dessa forma com Freud, o sujeito casado com a droga, mesmo que isto implique em um divórcio com o laço social.

E é também Freud quem nos esclarece que a droga se presta de maneira contundente ao tratamento do mal estar na cultura. A possibilidade de encontrar refúgio em um mundo próprio parece verdadeiramente tentadora. Na verdade se ampliarmos essa leitura freudiana de que, não apenas a droga, mas vários produtos, os *gadgets* se prestam a alguma forma de tratamento ao mal estar, encontraremos na contemporaneidade uma aplicação tão literal da tese freudiana, que nos surpreende por seu alcance. Aqui podemos fazer confluir essas duas teses freudianas e perceber que o casamento com a droga produz um tratamento

para a questão do encontro com o Outro sexo. E a droga propriamente se presta exatamente a isto, uma vez que ela serve ao tratamento do mal estar como um todo e, entre os motivos do mal estar, está a relação com o outro.

A primeira tese de Freud sobre o casamento com a droga, acabou nos fazendo aproximar da tese de Lacan sobre o rompimento com o faz-pipi. O ponto de aproximação se dá quando percebemos que o casamento com a droga e o rompimento com o faz-pipi levam um sujeito a preterir tudo e todos em função do uso do produto. Como dissemos, o toxicômano permanece num curto-circuito na questão sexual de modo que o sujeito goze consigo mesmo, em uma lua-de-mel interminável com seu produto, fazendo passar ao largo as demandas relativas ao Outro sexo. O toxicômano trata sua questão libidinal de modo que não implique o Outro, o seu parceiro monogâmico é apenas sua droga.

Quando Lacan traz a tese do rompimento com o faz-pipi, ele está nos apontando que estar submetido ao faz-pipi produz uma “d’homesticação”¹⁷⁹ do sujeito. Estar submetido à função fálica quer dizer que o sujeito se curvou à lei do Outro. A função fálica ancora o sujeito no campo do significante, trazendo a dimensão da lei que modula todo o posicionamento subjetivo do sujeito. Curvar-se à égide fálica é se deparar com a lei do Outro. É a partir do Outro que se estabelece a dialética das relações do sujeito e todo um campo se organiza a partir das funções e atribuições que o Outro delimita. Submeter-se ao significante fálico permite que um sujeito funcione a partir da determinação de atribuições, norma edipiana que normatiza um sujeito, masculino ou feminino. Assim, romper com o faz-pipi é tentar romper com toda a sorte de atribuições que um sujeito sexuado comporta em relação ao serviço sexual.

O outro eixo partiu das elaborações de Simmel acerca do supereu solúvel que nos levou a inquirir qual seria a pertinência desta hipótese. Essa dúvida nos encaminhou a uma aproximação acerca das características do supereu para subsidiar nossas impressões. A tese de Simmel aplica-se aparentemente sob uma determinada ótica. A incidência do álcool como um solvente para o supereu parece poder ser constatada apenas no que diz respeito a isto que localizamos como um supereu moral. De certa maneira, a tese de Simmel aplica-se

¹⁷⁹ texto coletivo da equipe do I.R.S. de Reims in www.toxibase.org/Pdf/Revue/dossier_cliniquepsychanalytique - 1993.pdf

apenas parcialmente a um dos espectros que o supereu oferece. Digamos que é em relação aos aspectos morais do supereu que ela se valida.

Nessa vertente como argumentamos, esse supereu moral realmente parece se curvar ao álcool, dando curso a uma relação etílica de modo que a desinibição impere. Essa espécie de tratamento mostra-nos uma das funções sociais do álcool, digamos assim. Se o álcool encontra tanta receptividade, podemos de algum modo inferir que ele serve a algo e talvez ele sirva, como pensou Simmel, para apaziguar as condições opressivas da vida moderna. Reiteramos que esse raciocínio está em conformidade com as impressões de Freud acerca da importância dos produtos estupefacientes como forma de tratamento ao mal estar.

Contudo ao avaliarmos toda a ambientação que configura o quadro clínico do alcoolismo e da toxicomania ficamos reticentes em aplicar de maneira universal a fórmula de Simmel. Na toxicomania, o supereu não se dilui. As formulações de Lacan aqui adquirem todo o seu alcance quando ele afirma que o supereu manda gozar.

Lacan está nos mostrando a partir do que ele leu em Freud, que o supereu não é apenas uma lei ordenadora de sentido. O supereu pode ser cruel, pode funcionar a partir de injunções, o supereu vocifera contra o eu. Pensamos que talvez tenha sido isso que escapou a Simmel. Ele considerou apenas sobre o supereu herdeiro do Édipo e não podemos nos esquecer de modo algum que o supereu tem suas fontes no isso. Ficamos dessa maneira com a impressão que estes aspectos corrosivos do supereu passam ao largo da aplicação da tese de Simmel.

Podemos dizer que Simmel leu Freud, mas não Lacan. Talvez seja importante localizar que houve realmente por parte de alguns psicanalistas alguma dificuldade para absorver de uma forma mais ampla as elaborações de Freud acerca do supereu. Não se restringem contudo ao conceito de supereu essas dificuldades. Outros conceitos levaram a produzir cisões no movimento psicanalítico, entre eles, a libido, o supereu, a pulsão de morte.

Ficamos com uma impressão sombria ao fim desta dissertação porque os fenômenos que colhemos na contemporaneidade apontam sobretudo para uma ineficácia na

transmissão do Nome-do-Pai. Com a exclusão dos significantes mestres permanecemos numa deriva em direção ao gozo.

Nosso tempo é um tempo de injunção ao gozo. Os carros de uma empresa de preservativos trazem estampados em sua lataria, escrito com letras garrafais: GOZE!! Esse é o ordenamento do nosso tempo, que o toxicômano e o alcoolista, junto a outros fenômenos que interpelam a Psicanálise, mostram-nos de maneira escancarada que quando a lei é frágil, o sujeito permanece aturdido. Ele goza pedaço por pedaço e tudo que encontra é uma insatisfação inarredável. Quando a lei não opera encontramos uma condição de anomia, e um Outro gozador nos impele mais e mais: goze, goze além dos limites, goze até o seu próprio fim.



BIBLIOGRAFIA

- ACSELRAD, Gilberta. (Org.) **Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. 265 p
- ALVARENGA, Elisa. Do gozo do Pai à melancolia. In **Papers del CA** – Nova Época, N ° 11, novembro 2005. In www.wapol.or/pt/buscador/template.asp
- ALVARENGA, Elisa. O supereu e o Nome-do-Pai. In **Papers del CA** – Nova Época, N ° 1 outubro 2004. In www.wapol.org
- BARRETO, Francisco Paes. A lei simbólica e a lei insensata: uma introdução à teoria do supereu. **Lacan e a lei. Curinga**. Volume 17. Belo Horizonte. EBP-MG. Novembro 2001. 44-51 p
- BENTES, Lenita. **A crise de ética: a crise do pai**. In www.cetta.psc.br
- BENTES, Lenita. **De que padece o sujeito?** In www.cetta.psc.br
- BYCK, Robert (Org.). **Freud e a cocaína**. Tradução Cláudia Martinelli e Mauro Gama. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1989. 383 p
- CESAROTTO, Oscar. **Um Affair Freudiano: os escritos de Freud sobre a cocaína**. São Paulo: Iluminuras, 1989. 131 p
- CHEMAMA, Roland. Um sujeito para um objeto. In GOLDENBERG, Ricardo. **Goza!: capitalismo globalização e psicanálise**. Salvador, Bahia: Ágalma. 1997. 23-39 p
- FIGUEIRÓ, Ana Maria Costa Lino. Seminários. **Agenda EBP. Minas Gerais**. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental, agosto 2003. 10-11 p
- GEREZ-AMBERTÍN, Marta. **As vozes do supereu**. Tradução Stella Maris Chesil. São Paulo: Cultura Editores Associados, Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003. 350 p
- JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Volume 1. Tradução Júlio Castanõn Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989. 430 p
- FREUD, Sigmund. À Guisa de introdução ao Narcisismo. 1914. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Volume 1. Tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago ed., 2004. 224 p
- FREUD, Sigmund. A sexualidade na etiologia das neuroses. 1898. **Primeiras publicações psicanalíticas. – Edição Standard Brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume III. Tradução Jayme Salomão. 2ª edição. Rio de Janeiro: Imago editora, 1987. 317 p

FREUD, Sigmund. Contribuições a um debate sobre a masturbação. 1912. – **Edição Standard Brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume XII. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago editora, 1969. 463 p

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. 1915. – **Edição Standard Brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume XIV. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago editora, 1974. 420 p

FREUD, Sigmund. Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna. 1908. – **Edição Standard Brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume IX. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago editora, 1976. 281 p

FREUD, Sigmund. O ego e o id. 1923. – **Edição Standard Brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume XIX. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago editora. 1976. 394 p

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. 1929. – **Edição Standard Brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume XXI. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago editora, 1974. 309 p

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente. 1905. – **Edição Standard Brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume VIII. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago editora, 1977. 290 p

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. 1921. – **Edição Standard Brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume XVIII. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago editora. 1976. 352 p

FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. **Contribuições à psicologia do amor**. 1912. – **Edição Standard Brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume XI. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago editora, 1970. 252 p

FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo – uma introdução. 1914. – **Edição Standard Brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume XIV. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago editora., 1974. 420 p

FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico. 1925. – **Edição Standard Brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Volume XX. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago editora, 1976. 351 p

GEREZ-AMBERTÍN, Marta. **As vozes do supereu**. Tradução Stella Maris Chesil. São Paulo: Cultura Editores Associados, Caxias do Sul, RS, EDUCS, 2003. 351 p

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1996. 785 p

KLEIN, Méline. **Contribuições à Psicanálise**. 1933. São Paulo: Editora Mestre Jou. 1970

LACAN, Jacques. Do trieb de Freud e do desejo do psicanalista. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1998. 937 p

LACADÉE, Philippe. **Le malentendu de l'enfant: Des enseignements psychanalytiques de la clinique avec les enfants**. Psyché. Editions Payot Lausanne.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro: Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998. 937 p

LACAN, J. Do sujeito enfim em questão (1966). **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro: Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998. 937 p

LACAN, Jacques. **Jounees D'étude des cartels de l'École freudienne de Paris**. Maison de la chimie, Paris. Lettre de l'École freudienne, 1976. N° 18

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-54)**. Tradução Betty Milan. 3ª edição: Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1986. 336 p

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-57)**. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1995. 456 p

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-58)**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1999. 532 p

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1956-60)**. Tradução Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1988. 396 p

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-70)**. Tradução Ary Roitman. Rio de Janeiro; Jorge Zahar ed., 1992. 208 p

LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo. **Outros Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor., 2003 607 p

LAURENT, Eric. Melancolia, dor de existir, covardia moral. **Versões da clínica psicanalítica**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1995. 245 p

LAURENT, Eric. Tres observaciones sobre la toxicomania. **Sujeito goce y modernidad – Fundamentos de la clínica**. Instituto del Campo Freudiano. Atuel-Tya. Revista Quarto. N° 42.

LECOEUR, Bernard. **O Homem embriagado – Estudos psicanalíticos sobre a toxicomania e o alcoolismo**. Publicação do Centro Mineiro de Toxicomania – CMT. Belo Horizonte, Minas Gerais. 1992. 83 p

LEMOS, Inêz. A toxicomania e o discurso da ciência. **Mental: Revista de Saúde Mental e Subjetividade da UNIPAC**. volume 2, N ° 3.2004. Barbacena, Minas Gerais: UNIPAC.

MANDIL, Ram. Editorial. **Agenda EBP – Minas Gerais: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental**. Agosto 2003. 3-5 p

MATA-MACHADO, Edgar. **Elementos de Teoria Geral do Direito**. Belo Horizonte, Minas Gerais: Editora Veja. 1972.

MILLER, Jacques-Alain. A patologia da ética. **Lacan Elucidado: Palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997. 608 p

MILLER, Jacques-Alain. **O percurso de Lacan: uma introdução**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1988. 151 p

MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. **Orientação Lacaniana**. Tradução Simone Souto, Yolanda Vilela, Samyra Assad.

NASIO, Juan David. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.,1989. 171 p

PECK, John. Pioneirismo psicanalítico na Califórnia. In ALEXANDER, Franz, EINSTEIN, Samuel & Grotjahan, Martin. **A história da Psicanálise através de seus pioneiros. Volume 2**. Coleção Psicologia Psicanalítica sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora. 652 p

PEREIRA, Clícia Marina Magalhães. **Alcoolismo masculino e identificação: um traço cruel do pai?** Dissertação de mestrado do Programa de pós graduação em Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2005.

RUBIO, Guillermo. **Le toxicomane: un homme de parole. Version du symptôme**. Forum Psychanalytique de Bruxelles. Foruns du champ lacanien, journée du 11 juillet, 1999. In www.champalacanian.france.net

SANTIAGO, Jésus. **A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2001. 224 p

SIMMEL, Ernest. Psycho-Analytic treatment in a sanatorium. In: Ernest Jones. **International Journal of Psycho-Analysis**. London: Wm Dawson & Sons Ltd.,1929.

SIMMEL, Ernest. Alcoholism and Addiction. **Psychoanalytic Quartely**. Volume 17, 1948.

TARRAB, Maurício. **Produzir novos sintomas**. In www.nucleosephora.com/asephallus/numero.02

Texto coletivo da equipe do IRS de Reims in www.toxibase.org/Pdf/Revue/dossier_cliniquepsychanalytique-1993.pdf

Toxibase – Revue documentaire – clinique Psychanalytique et toxicomanie. Nouvelle série 3, 3 eme trimestre 1993. In www.toxibase.org

WWW.unifesp.br/dpsicobio/boletim/ed55/2.htm

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CAMPOS, Sérgio Passos Ribeiro. **As vertentes conceituais do supereu na clínica da neurose obsessiva.** Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos Psicanalíticos do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002.

CIRINO, Oscar., MEDEIROS, Regina.(Org.) **Álcool e outras drogas: escolhas, impasses e saídas possíveis.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 236 p

CARDOSO, Andréia Crato. **Aspectos da toxicomania como um dos sintomas contemporâneos no último ensino de Lacan.** Monografia para conclusão de curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006

MELMAN, Charles. **Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar.** Tradução Rosane Pereira; organização e revisão técnica de Contardo Calligaris. São Paulo: Escuta, 2000. 159 p

PACHECO, Lylane Viera. **Não Pense, Acredite e Faça: Sobre as estratégias de construção da subjetividade nos alcoólicos anônimos.** Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos Psicanalíticos do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1998.